

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marilene Elza das Chagas

Mobilidade e Autonomia na Infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças no itinerário casa-núcleo de educação infantil-casa



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marilene Elza das Chagas

Mobilidade e Autonomia na Infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças no itinerário casa-núcleo de educação infantil-casa

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia da Infância

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmento

e co-orientação da
Professora Doutora Ângela Maria Scalabrin Coutinho

julho de 2014

DECLARAÇÃO

Nome: Marilene Elza das Chagas

Endereço electrónico: malene_chagas@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade: X33515W27

Título dissertação: Mobilidade e Autonomia na Infância: Um estudo sociológico a partir das experiências das crianças no itinerário Casa-Núcleo de Educação Infantil – Casa.

Orientador(es):

Orientador: Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmento

e Co-Orientadora: Professora Doutora Ângela Maria Scalabrin Coutinho Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado:

Sociologia da Infância

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 29/07/2014.

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a todas as crianças que contribuíram para a sua realização. À minha co-orientadora, professora e amiga de coração Angela Scalabrin, pelo reconhecimento da minha profissão e por sempre acreditar em mim, sabendo dos desafios do educador no contexto atual. Ao meu pai (*In memoria*) e à minha mãe, a quem honro pelo esforço e dedicação, os quais contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Aos meus amigos e familiares pelo incentivo na busca de novos conhecimentos e a todos os mestres que muito contribuíram para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua presença constante na minha vida, pelo auxílio nas minhas escolhas e me confortar nas horas mais difíceis.

À minha mãe e irmãos, pelo amor, carinho e todo o apoio que me deram.

À minha co-orientadora, professora Angela Saclabrin, pelos importantes ensinamentos, pela amizade, apoio e pelo conforto nas horas difíceis. Obrigada, fostes o meu porto seguro.

A todos os meus amigos, que de alguma forma contribuíram para que levasse até ao fim este meu trabalho! Especialmente, às minhas amigas de Portugal a quem devo muito Ester, Alice e Andreia pelo apoio, cumplicidade, companheirismo e sólida amizade que construímos, a qual tenho a certeza que será para sempre.

Ao meu orientador e professor Manuel Sarmiento, pela compreensão e competência em todos os momentos.

À professora Natália Fernandes, pelos momentos compartilhados, mesmo estando a alguns quilómetros de distância, se manteve em suas manifestações de apoio e carinho.

De forma muito especial, à Dona Palmira, uma senhora muito amiga, que me apoiou nas horas de fraqueza, que estendeu suas mãos nas horas em que mais precisava.

Às colegas Kátia e Eliete que, seguindo caminhos diversos, estiveram presentes com lembranças, palavras de encorajamento e amor.

A todos os participantes deste estudo, profissionais de Educação do Núcleo de Educação Infantil Campeche, bem como às famílias, que abriram as portas para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

À Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, que autorizou a realização do meu estudo.

À instituição, na qual trabalho, pelo apoio, a disponibilidade que proporcionaram para os meus estudos.

Enfim, a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que este percurso pudesse ser concluído, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a mobilidade e a autonomia no itinerário casa-Núcleo de Educação Infantil. Seu objetivo é conhecer e analisar, a partir do ponto de vista das crianças, a mobilidade e a autonomia no percurso entre casa/Núcleo de Educação Infantil/casa. Tendo por base o quadro teórico da sociologia da infância que considera as crianças como informantes privilegiadas, optou-se para esta investigação a realização de observação participante junto a um grupo de crianças de 5 anos que frequentam um Núcleo de Educação infantil público do município de Florianópolis, no sul do Brasil e optou-se por instrumentos de recolha de dados: conversas com as crianças e seus familiares, desenhos e fotos realizados pelas próprias crianças. Este estudo permite entender como as crianças vêem o lugar ocupado por elas de modo a moverem-se autonomamente, na companhia de outras crianças e de adultos familiares construindo a sua identidade e desenvolvendo a sua autonomia de forma cooperativa e criativa. Concluimos que as mudanças urbanísticas da comunidade na qual as crianças vivem influenciam a ocupação do espaço público entre as suas casas e a instituição de educação infantil, mas as crianças revelaram que as brincadeiras e o contacto com a natureza são duas marcas da sua mobilidade e autonomia nos espaços públicos da instituição de educação infantil e no percurso entre esta e a casa.

Palavras chave: Sociologia da Infância – Educação Infantil – Mobilidade – Autonomia

ABSTRACT

The present work has as theme mobility and autonomy in the itinerary home – Childhood education Centre. The Goal is to understand and analyze, from the children's point of view the mobility and autonomy in the route between home - Childhood education Centre – home. Based on the theoretical Framework of Sociology of Childhood that considers children as privileged informants, was chosen for this research participant observation with a group of children of 5 years old who goes to the Public Education Center in *Flórianópolis* in south Brazil, and has instruments of data collection was considered conversations with children and their families, photos and drawings made by the children themselves. This study allows us to understand how the children see the place that is occupied by them in order to move autonomously, in the company of other children and family (adults), building their identity and developing their autonomy in a cooperative and creative way. We conclude that urban changes of the community in which the children live, influence the occupation of public space between their homes e the institution of childhood education, but the children revealed that the playing and the contact with nature are two brands of their autonomy in public spaces of the institution of childhood education and in the route between this and their homes.

Keywords: Sociology of Childhood – Childhood Education – Mobility- Autonomy

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.....	13
IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis.....	13
NEI – Núcleo de Educação Infantil.....	15
P.P.P – Projeto Político Pedagógico.....	16
PMF – Prefeitura Municipal de Florianópolis.....	17
DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.....	68
UMINHO – Universidade do Minho.....	69

ÍNDICE

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	7
I . METODOLOGIA.....	10
1.1. A INVESTIGAÇÃO DE CAMPO: “Quando o campo é uma praia”.....	10
1.1.1. Primeiro Cenário: O Bairro.....	10
1.1.2. Segundo Cenário: O Núcleo de Educação Infantil.....	15
1.1.3. Os atores da pesquisa: As crianças do grupo IV.....	19
II PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
III . Mobilidade e Autonomia na Infância.....	25
3.1. A organização dos Espaços para o Lúdico.....	27
3.1.1.Brincar é coisa séria.....	28
3.1.2. O movimento como forma de inscrição no ... e apreensão do...mundo.....	36
3.3. Espaços de interação: Lugares de representação.....	42
3.4. Os espaços preferidos pelas crianças no ambiente institucional.....	44
3.5. Natureza cenário do mundo do faz de conta.....	44
4. Mobilidade Face ao Espaço Físico.....	58
5. A criança na construção da Autonomia.....	64
6. Considerações Finais.....	73
7. Referências Bibliograficas.....	77
APÊNDICE 1.....	82
APÊNDICE 2.....	83
APÊNDICE 3.....	84
ANEXO 1.....	90
ANEXO 2.....	91

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Pista de pouso na Avenida Pequeno Príncipe, aproximadamente 1927 a 1935.....	11
Imagem 2: Portal Sul da Ilha Bairro Campeche.....	14
Imagem 3: Conversa em roda com a pesquisadora.....	27
Imagem 4: As crianças do GVI no espaço da instituição.....	29
Imagem 5: Brincando de faz de conta/instituição.....	32
Imagem 6: Brincando de faz de conta. Aniversário da menina Sarah.....	33
Imagem 7: A menina Laisi na interação e socialização com seu colega	34
Imagem 8: Espaço... Um lugar de representação pelas crianças.....	38
Imagem 9: as crianças a brincar com o corpo.....	39
Imagem 10: Movimentando o corpo.....	41
Imagem 11: Faz de conta, no parque.....	42
Imagem 12: A apropriação do espaço externo explorado pelas crianças.....	43
Imagem 13: subir à Árvore para apanhar Amoras.....	44
Imagem 14: As crianças a brincarem no espaço externo da instituição.....	46
Imagem 15: Os espaços externos da instituição, preferidos pelas crianças.....	47
Imagem 16: A exploração no espaço da rua. O lugar onde moro.....	52
Imagem 17: Percurso Casa/instituição.....	58
Imagem 18: Desenho de Sarah Boscato (5 anos).....	61
Imagem 18: Desenho de Maria Luisa (5 anos).....	61
Imagem19: Desenho de Luan (5 anos). “O Campo de futebol”	62
Imagem 20 : As crianças do GVI no espaço da instituição, o parque.....	62
Imagem 21: As crianças ao ponto de encontro na subida da árvore.....	63

TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Dados obtidos pelos familiares das crianças.....	20
Gráfico 1: O que a criança faz no período oposto ao que está na instituição.....	50
Gráfico 2: Deslocamento das crianças para a instituição.....	70

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um estudo sobre a mobilidade e a autonomia no deslocamento de crianças com idades entre os 5 e 6 anos, de casa para a instituição de educação infantil, assim como da instituição para casa, tomando como referencial teórico a sociologia da infância. A infância vem sendo estudada por vários autores, e tem sido entendida como tempo de desenvolvimento e de socialização das crianças, “a Sociologia da Infância propõe-se constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-as das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano [...]” (Sarmiento, 2005, p. 1).

A sociologia da infância compreende a infância como uma construção social, dentro de um contexto sócio-histórico, com referências empíricas, cujas experiências se dão, na sua constituição, na relação com o outro, na troca entre pares e adultos. Do ponto visto teórico, e segundo os paradigmas recentes, a infância como categoria geracional e as crianças consideradas como atores sociais de pleno direito, traz consigo um vasto conhecimento das suas vivências. Vivências estas significativas para as crianças.

Muitas observações feitas perante algumas situações relacionadas com as vivências de crianças em alguns espaços públicos e nas instituições educacionais, local no qual atuei como professora durante vários anos, despertaram-me o interesse para conhecer o mundo desses atores de direitos, as relações entre pares, as práticas sociais, a circulação, o acesso, a mobilidade, a autonomia.

As relações entre os pares, que se tornam visíveis na sociedade, de diferentes formas, serão aqui abordadas a partir das experiências com as crianças, no espaço de uma instituição e nas ruas de um pequeno bairro de Florianópolis¹. O desafio que me levou a esta pesquisa foi o intuito de contribuir para uma sociologia da infância que considere o ponto de vista das crianças pequenas, neste caso menores de 6 anos, e como cenário de oportunidades e vivências adquiridas pela experiência pedagógica com as crianças pequenas nas suas rotinas de vida.

¹ Uma caracterização do bairro e da instituição será apresentada no capítulo 2.

Considerar as interações entre as crianças como tão importantes quanto as interações entre os adultos e as crianças para o seu desenvolvimento, instigou-me para esta pesquisa. Foi a experiência vivida com crianças, tendo presentes questões como a mobilidade e a autonomia na infância que me mobilizaram. É uma pesquisa que teve como objetivo investigar a condição social da criança na nossa sociedade, mais especificamente, as relações do convívio social no espaço da instituição e no espaço da rua, que podem contribuir para sua própria autoria no pensar e agir, dando visibilidade ao seu processo de formação enquanto ator social competente.

Um estudo sobre a mobilidade e a autonomia na infância enfatiza a importância de conhecermos essas concepções, que geralmente são anunciadas ao se defender uma educação de qualidade, com um ambiente enriquecedor que favoreça o desenvolvimento focado nas dimensões: corporal, emocional, cognitiva, social das crianças.

Assim, propõe-se um estudo no campo da Sociologia da Infância potencializando uma investigação com as crianças, focada no seu processo de participação na vida social e na construção da sua identidade, na promoção do desenvolvimento e compreensão, nas condições de mobilidade e autonomia na infância, nos espaços institucional e públicos².

A investigação sociológica da Infância tem posto em evidência a forma como as crianças transformam espaços em “lugares”, isto é, em contextos de interação revestidos de sentido e de emoções nos espaços (Christensen & O’Brien, 2003 in Sarmiento, 2009; Vinão Frago, 1998).

A importância e a maneira como a criança aprende o funcionamento do próprio envolvimento, considerando os lugares por onde passa ou convive com os pares, tem permitido a alguns investigadores compreenderem melhor como se desenvolve esta capacidade de autonomia e mobilidade em relação ao espaço físico, o que propomos no estudo ora apresentado.

² Ainda que a instituição de educação infantil também seja um espaço público, utilizei e a palavra “público” para identificar os espaços de deslocamento das crianças fora da instituição, como ruas, avenidas, servidões.

Mais especificamente, podemos demarcar que a questão central deste estudo é como se caracterizam, a partir do ponto de vista das crianças, a sua mobilidade e autonomia, no itinerário da casa/Núcleo de Educação Infantil/casa.

O objetivo geral é conhecer e analisar, a partir do ponto de vista das crianças, a mobilidade e a autonomia no percurso entre casa/Núcleo de Educação Infantil/casa. E os objetivos específicos são: 1) aprofundar teoricamente, sobretudo, a partir dos estudos da infância, as concepções de autonomia e mobilidade; 2) observar e registrar com as crianças, mediante uma cartografia³, os espaços de socialização que percorrem quotidianamente para irem e voltarem da e para a instituição educativa; 3) analisar como se configuram os espaços de sociabilidade das crianças no caminho que percorrem entre casa e instituição educativa. 4) compreender como as crianças manifestam e reinterpretem a sua mobilidade e autonomia em espaços públicos.

No intento de abordar os objetivos acima delimitados, o texto da dissertação está organizado do seguinte modo: no capítulo I apresento a introdução buscando situar qual o tema do estudo e seus objetivos.

No capítulo II apresento o percurso metodológico da investigação, situando o contexto e os atores que participaram do estudo, bem como as escolhas metodológicas.

No capítulo III, abordo alguns conceitos chave para a abordagem da mobilidade e a autonomia na infância e apresento alguns dados de análise.

³ A cartografia será composta por desenhos e fotografias feitos pelas crianças, bem como seus relatos.

I - METODOLOGIA

1.1 A investigação de campo: *quando o campo é uma praia*⁴

“Um Pedacinho de terra Perdido no Mar”...⁵

Início este capítulo metodológico, situando o contexto investigado, bem como o meu lugar de investigadora nesse contexto, já que se trata de um bairro-praia no qual nasci e vivi grande parte da minha vida e de uma instituição de educação infantil na qual já fui professora.

1.1.1 Primeiro Cenário: o bairro

Campeche, lugar de paisagens naturais em preservação, de vida simples, de preservação da cultura local, política e de luta comunitária. Lugar de beleza natural, de praia grande, areia branca e fina, mar de ondas fortes e uma encantadora ilha no meio do oceano que esconde as histórias dos antepassados, a Ilha do Campeche.

O distrito de Campeche, assim nomeado, foi criado em 1995, pela Lei 4.805/95 e pertence ao município de Florianópolis, estado de Santa Catarina e está localizado a cerca de 20 km do centro da cidade (Etnobotânica, 2011 p.169). Sua área é de aproximadamente 35,32 Km². O bairro era habitado por uma pequena comunidade de pescadores, composta de descendentes açorianos. Um lugar de vida simples e pacata, esta comunidade vivia da pesca, da agricultura, da produção artesanal da farinha e criação de gado.

Esta localidade, segundo alguns moradores mais antigos, tem como principal história o Campo de Aviação do Campeche. A área serviu de pista de aterragem

⁴ Parafrazeando Magnani no seu texto “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole” (1996).

⁵ “Rancho de Amor à Ilha”, hino oficial da cidade de Florianópolis, autoria de Cláudio Alvim Barbosa (Zininho, 1965).

para os aviões aos aviões do correio aéreo da Societé Latecoére, que fazia o percurso entre Paris e Buenos Aires.

Segundo Amora (1996, p.161), o jornal Diário Catarinense registrou, em matéria publicada em 14/10/91, que “o campo de pouso foi construído em 1927 pelos cofres públicos que serviu como ponto de parada para o antigo Correio Sul”.



Imagem 1: Pista de aterrager para aviões na Avenida Pequeno Príncipe aproximadamente 1927 a 1935

Essa pista de aterrager marcou muito a vida desta comunidade, a qual foi palco das primeiras aterrager e descolager. Vindo do outro lado do oceano nas suas máquinas voadoras que por aqui passaram, Antoine de Saint-Exupery, Jean Mermoz e Henry Guillaumet, foram os primeiros pilotos que aqui chegaram.

A Avenida Pequeno Príncipe, a estrada principal, assim é chamada em homenagem ao piloto-escritor Saint-Exupéry, autor do livro *Príncipezinho* ou *Le Petit Prince*, pois é neste local que estava situada a pista de aterrager. Os moradores chamavam-lhe Zé Perry, devido à dificuldade que estes descendentes açorianos, tinham em pronunciar o nome francês.

O bairro Campeche tem duas versões para a origem do seu nome. Segundo alguns historiadores a sua origem provém de uma árvore, o pau-campeche, cuja madeira corante era empregada na tinturaria, no início da colonização. Há quem diga que o

nome tem origem na expressão francesa “camp”, “peche”, no sentido de Campo de Pesca (Guia Floripa, 2011).

Por volta de 1980, Campeche era uma comunidade praticamente habitada por descendentes açorianos. No entanto, desde 1980 até os dias atuais muitas coisas mudaram. O acesso à cidade, a descoberta das belezas naturais e a tranquilidade da vida na região tem vindo a encher os olhos dos turistas, que por aqui passam. Este movimento de ir e vir dos visitantes estimulou a especulação imobiliária, que gerou imensas construções de prédios, casas, florestas devastadas, rios poluídos, dunas destruídas, ruas engarrafadas e trouxe para o bairro grandes mudanças. Embora o progresso não precise significar destruição, mas sim possibilidade de vida boa e bonita para todos, não é deste modo que tem sido encaminhado o processo no Campeche, aliás, podemos até dizer na cidade de Florianópolis.

Com um crescimento desordenado, o bairro passa de zona rural para balneário, onde em época de verão a população multiplica. Com a ampliação do mercado imobiliário, cresce também o comércio local: restaurantes, bares, lanchonetes, padarias, farmácias, materiais de construções, consultórios médicos e dentários, etc.

O bairro vem sofrendo um processo de crescimento populacional acelerado nos últimos anos, e a comunidade constitui-se hoje com cerca de 9.600 habitantes, segundo informação extraída do Projeto Político Pedagógico do Núcleo de Educação Infantil Campeche (2011). Este aumento populacional é devido à vinda de pessoas de vários lugares do mundo, em busca de uma qualidade de vida. E com isto, a procura de escolas, creches no bairro, aumenta.

Entretanto, o problema que se coloca hoje em dia é a pobreza de espaços exteriores, em termos de qualidade: as ruas, terrenos vazios, enfim, o bairro está desaparecendo com a construção de asfalto, parques de estacionamento, prédios e casas sendo construídos à beira da estrada, à beira mar.

Registros mostram que em 2006 houve um rápido inquérito com crianças dos 10 aos 19 anos, moradores do bairro: “O que quer a meninada do Campeche” (Campeche, 2006). Segundo o jornal *Fala Campeche* (2006), esse inquérito ocorreu no momento

em que o bairro se preparava para a elaboração do Plano Diretor⁶ e foi considerada importante a participação da comunidade, nas diversas faixas etárias. Com isto, o jornal foi às ruas para ouvir “a meninada”. As entrevistas ocorreram nas mediações da Av. Pequeno Príncipe, lugar este explorado pelas crianças e jovens, mas que estavam impedidos de permanecerem neste no local, devido ao perigo causado pelo movimento intenso de automóveis e a construção de novos prédios, na época.

As falas dos entrevistados eram no sentido de reivindicar o seu direito de frequentarem os espaços que consideram de lazer. Na análise apresentada pelo jornal e dividida por gênero, os meninos reclamaram a falta de espaço para brincar de skate, andar de bicicleta, encontrar os amigos. Já as meninas gostariam que construíssem uma praça, onde fossem possíveis os encontros de convívio diário, que tivesse áreas para o jogo, pistas para bicicletas.

Registros mostram, hoje, que houve um grande crescimento populacional acelerado no distrito do Campeche. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e fontes do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), a população era, aproximadamente, de 4.022 habitantes em 1980, 7.514 em 1991, passando para 18.570 em 2000, e com um crescimento de 34.738 em 2010. Uma estimativa populacional para o distrito do Campeche para ano de 2028 é de 50.000 habitantes, segundo informações recolhidas pelo Censo Demográfico por Campanário (2007) e dados do Plano Diretor.

Quanto ao Plano Diretor, universidades, entidades de classes e associações de bairros procuram um espaço para intervenção. Embora a comunidade, juntamente com os responsáveis pela elaboração do plano diretor, discuta a situação do bairro hoje, principalmente em relação à questão do crescimento desordenado e a destruição da natureza, os moradores sabem que algumas coisas não podem ser recuperadas, mas também têm esperança e reconhecem que há muito por preservar e irão lutar e defender o lugar onde vivem.

⁶ O principal objetivo do plano diretor é orientar o poder público e a iniciativa privada na construção dos espaços e na oferta dos serviços essenciais à população. O Plano Diretor de Florianópolis está em discussão desde 2006 e é identificado como participativo.



Imagem 2: cedida em registros fotográficos/96. Portal Sul da Ilha Bairro Campeche

O crescimento verificado nos últimos anos já deixam marcas. Com a transformação social ocorrida, as nossas crianças não podem brincar na rua. As suas brincadeiras fazem-se dentro de casa ou no quintal de casa.

Antigamente, na minha infância, brincava-se nas ruas até ao anoitecer. Não havia perigo quanto ao tráfego, nem violência. Era um lugar pacato, onde o encontro dava-se nas casas de famílias vizinhas, na rua, e em cada esquina encontravam-se parentes próximos, numa relação de trocas, onde histórias, memórias e culturas eram partilhadas entre as pessoas. Era um cenário importante para as pessoas do lugar, no sentido do que afirma Estácio (2008, p. 2): “A rua é o lugar das realizações sociais, dos acontecimentos cotidianos e históricos, enfim é onde a vida acontece, onde as pessoas se encontram e se reconhecem como parte integrante daquele espaço”.

As brincadeiras como a amarelinha, queimada, batem manteiga, pipa, bolinha de gude, pega-pega, ciranda de roda, jogar bola... são brincadeiras que fazem parte das lembranças da minha infância e que hoje, cada vez menos, fazem parte do dia-a-dia das crianças.

A rua, como diz Neto (1999, p. 3), “local de encontro, de descoberta e de desordem, está a deixar de ser o local do contexto/interação com outras crianças, ou seja, de ser o local privilegiado da brincadeira, do convívio espontâneo e livre entre gerações...”.

Mudanças do dia-a-dia na sociedade vêm contribuir para esta transformação no cotidiano das pessoas, como a violência, que assusta cada vez mais os moradores do bairro, a necessidade dos pais trabalharem mais, para possibilitarem aos filhos uma condição de vida melhor do que eles tiveram, as novas tecnologias que se tornaram no brinquedo mais interessante e diferente, impossibilitando, às vezes, o contato com outras pessoas.

Considerar, hoje, o lugar do bairro como um espaço de encontro, reencontro, de descobertas e de lazer, tornou-se algo difícil, contudo, precisamos tentar visualizar, o que as crianças fazem nesse espaço tão mudado? Um retorno ao espaço por mim experimentado há quase trinta anos atrás é algo impossível, até porque as infâncias também se alteraram. Mas que espaços as crianças frequentam? Quando vão e vem da instituição de educação infantil, que usos elas fazem desses espaços? Em que espaço do bairro está a instituição de educação infantil?

1.1.2 Segundo Cenário: o Núcleo de Educação Infantil (NEI)

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem um papel social importante no desenvolvimento humano e social. Dentro deste espaço, está a socialização e convivência, que favorece o desenvolvimento das crianças, onde o seu crescimento constrói-se através das experiências sócio-culturais diversas, nos diferentes espaços da instituição.

Os movimentos sociais e instâncias públicas (estaduais e municipais) em defesa dos direitos da criança, vistos na constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Estatuto da Criança e do Adolescente, asseguram hoje uma educação infantil de qualidade, de caráter educativo, reconhecem-nas como cidadãs de direitos, sujeitos com sua particularidade de seres sociais e históricos, competentes, produtores de sua própria cultura, pois, antes era considerada como lugar de assistencialismo e amparo às crianças carentes, um ser passivo, sem direito a voz e ação, considerando-as seres incompetentes.

Como ressalta Kramer (2011, p. 2):

As crianças são seres sociais, têm uma história, pertencem a uma classe social, estabelecem relações segundo seu contexto de origem, têm uma linguagem, ocupam um espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com sua própria inserção nesse contexto. Elas são pessoas, enraizadas num todo social que as envolve e que nelas exprime padrões de autoridades, linguagem, costumes [...]

Sendo assim, a criança desenvolve-se pelo meio social, nas interações que estabelece, desde cedo, com o adulto e o mundo que o rodeia. Neste sentido vale ressaltar que este espaço educacional, trabalha-se para um ambiente pedagógico, tornando os momentos educacionais de construções e reconstruções de significados e de socialização de experiências e vivências da criança ampliando o seu leque de conhecimento.

Refletindo sobre a importância do espaço de Educação Infantil, é necessário pensar em um espaço de qualidade. Contudo, um fator importante é a interação, a socialização e a aprendizagem. De acordo com o P.P.P (2011) o Núcleo de Educação Infantil é um espaço que se transforma em lugar de vivências da infância, significado a partir da cultura.

Outra forma de conhecer um pouco mais do NEI Campeche é, todavia, os caminhos percorridos que configuraram as mobilizações da instituição e comunidade em trajetória de acontecimentos e mudanças na sua história institucional.

Ainda segundo o P.P.P (2011) da instituição, tal crescimento populacional trouxe para a comunidade um considerável aumento da procura ao atendimento escolar. Em 1983 foi criada a escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes, sito na Rua Pequeno Príncipe, s/n, pela Secretaria de Educação do Município de Florianópolis. O terreno onde funciona hoje o prédio da escola foi doado pela Base Aérea.

Neste mesmo ano, no mesmo prédio da Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes, juntamente com a rede municipal de educação de Florianópolis, o Núcleo de Educação Infantil Campeche começou a funcionar como pré-escola, ocupando assim uma sala, onde atendia nos dois períodos: matutino e vespertino, sendo que a direção era a mesma para a Escola Básica e para o NEI.

A procura de vagas na Educação Infantil aumentou no ano seguinte, então mais uma sala foi cedida para o funcionamento da Pré- Escola (NEI CAMPECHE, 2011). Continuando a funcionar no mesmo prédio, o Núcleo de Educação Infantil foi desvinculado da Escola Básica em 1988, passando a ter uma direção própria.

Devido ao aumento da procura de vagas para o ensino fundamental, foi exigida a liberação das duas salas ocupadas pelo NEI para o atendimento às crianças. Entretanto, também a procura para o atendimento às crianças de 0 a 6 anos foi aumentando.

Em 1992 foi solicitada à (PMF) Prefeitura Municipal de Florianópolis a construção de um prédio próprio para o atendimento às crianças da comunidade. O prédio foi construído nos fundos da Escola Básica, cujo endereço passou a ser servidão Dionísio Inácio, s/n. Este primeiro prédio teve a construção das seguintes dependências: duas salas, uma cozinha, dois banheiros, um para o adulto e outro para as crianças, e uma sala de direção.

O novo prédio iniciou-se em 1993, mas as duas turmas permaneceram na Escola Básica, no entanto administrada pela direção do NEI.

Em 1996 a instituição NEI Campeche foi ampliada para mais duas salas, um banheiro para as crianças e uma sala de professores, a qual incorporou também a biblioteca.

Devido o crescimento populacional no bairro, a procura por vagas no NEI também aumentava, o que tornou o espaço físico insuficiente para o atendimento. Novamente a instituição, junto à comunidade, se mobilizou, reivindicou aos setores da Secretaria Municipal de Educação a ampliação urgente do espaço físico do Nei Campeche. A reforma do prédio iniciou-se em meados de agosto do ano de 2002 e estendeu-se até ao fim de janeiro de 2003.

Durante este tempo de reforma, o atendimento às crianças ocorreu na sede “Catalina”, um espaço cedido pela Base Aérea localizada em frente ao NEI. Foram adaptações provisórias neste espaço, que ocasionaram mal-estar nos adultos e crianças devido ao ambiente quente, à pouca ventilação e poluição sonora provocada pela acústica do prédio, vozes e ruídos de pessoas a transitarem, uma

vez que as salas das crianças eram divididas a meia parede por madeiras de compensado, segundo informações contidas no P.P.P (2011).

Em 2003 foi iniciado o atendimento às crianças com atividades, no espaço ampliado e reformado. Atualmente, o novo prédio contém as seguintes características: o prédio é térreo, possui forma retangular, paredes de alvenaria, textura lisa e cor marfim. Nas salas de atendimento às crianças, cada qual possui uma cor diferente, entre rosa, verde, azul, pêssego e amarelo. As duas portas de entrada principais e janelas externas são de esquadrias metálicas, sendo que as portas internas são de madeira.

O espaço físico interno da instituição é composto por: corredores; um hall; seis salas para o atendimento às crianças, sendo que cinco possuem sacadas para a rua; uma sala de direção; uma sala de professores; uma biblioteca pequena, onde se contam histórias e se escolhem livros; dois depósitos; uma cozinha; uma dispensa; uma lavanderia; quatro casas de banho, sendo que cada um tem sanitas, um chuveiro, torneiras e uma pia comprida utilizada pelas crianças e duas casas de banho utilizadas pelos adultos, contendo uma sanita, uma pia e um chuveiro. O telhado é de laje com cobertura de telhas de argilas. O prédio é circundado por uma calçada revestida de pisos cerâmicos de coloração cinza claro.

A área externa da instituição é toda cercada com muro e com vedação, sendo que na parte dos fundos há um muro alto e nas laterais e na frente há um murete com tela para dar visibilidade a todos os que estão dentro ou fora da instituição. Ao estar de frente para a instituição, do lado esquerdo do prédio na lateral, observa-se uma área maior com algumas árvores frutíferas plantadas, além de sombreiros. Por entre estes espaços, estão também alguns brinquedos tais como: gangorra/baloço, pneus, ponte, trem, casinha, um campinho de futebol.

No lado direito encontra-se uma torre que sustenta uma caixa d'água com capacidade para 10.000 litros. Próximo a ela há uma mesinha e banquetas de mármore, uma casinha de bonecas construída de tijolos à vista. Em frente a esta casinha, em direção aos fundos do pátio, encontra-se uma caixa de areia, balanços, escorregador, trepa-trepa, uma armário unido ao muro para guardar os brinquedos de rua e um tanque para lavar os brinquedos.

A estrutura física do prédio permite o atendimento às crianças dos zero aos seis anos. Hoje a instituição do NEI Campeche atende em média 230 crianças por ano.

A maioria das crianças que frequenta esta instituição são filhos e filhas de moradores do Campeche. Algumas residem nas localidades vizinhas como: Rio Tavares, Areias do Campeche, Morro das Pedras e Ribeirão da Ilha.

A atividade laboral das famílias das crianças desta instituição já não é constituída pela pesca, como antigamente. A partir dos questionários respondidos pelas famílias e de conversas com profissionais da instituição, verifica-se que hoje uma parcela das famílias são trabalhadores autónomos, exercendo as funções de faxina, doméstica, eletricitista, pintor, etc. Alguns são trabalhadores do comércio em geral, exercendo as suas atividades na própria comunidade, no centro da cidade, e outros ainda, trabalhadores do serviço público municipal, estadual e federal, destacando as atividades nos setores da educação e segurança.

O quadro funcional desta instituição compõe-se dos seguintes profissionais: Serviços gerais; cozinheiras; auxiliares de sala; professores; auxiliar de ensino; supervisor e diretor. Somam-se, no total, 40 funcionários.

Educação infantil, lugar de criança, de experiências, de vida. Lugar que remete para um ambiente de socialização e interação. Nesse sentido, esta instituição tem o intuito de promover as condições mais adequadas ao bem-estar da criança fundamentando-se na ideia de que é um espaço importante, quando considera a criança, na sua condição de ator social, respeitando-a na sua particularidade, de fazer valer sua voz, participando e reagindo aos diferentes contextos sociais, tornando-se, assim, importante no desenvolvimento de competências em relação à autonomia da criança.

1.1.3 Os atores da pesquisa: As crianças do grupo VI

Enquanto atores sociais, as crianças do GVI, apresentam características próprias, com os seus mundos sociais e culturais, marcados pela diversidade e

espontaneidade de movimentos e gestos, estabelecendo relações com seus pares, com crianças de outras idades e com os adultos, experimentando, interpretando, simulando e criando brincadeiras.

Este grupo observado é composto por 24 crianças, sendo 10 meninos e 14 meninas entre 5 e 6 anos. Algumas destas provêm de famílias com um rendimento mensal entre 2 a 3 salários mínimos e cujo nível de escolarização dos pais é, pelo menos o Ensino Médio. Quanto à ocupação dos pais, 8,33% são funcionários públicos, tendo a remuneração fixa, outros são autônomos, sendo que 25,0% trabalham 8 horas diárias. 3,33%, das mães declararam-se autônomas, sendo que elas trabalham 6 horas diárias. De acordo com a caracterização do grupo, conclui-se que a maior parte da amostra reside no bairro Campeche nos arredores da instituição com aproximadamente 2 km de distância.

De acordo com o aumento populacional excessivo no bairro, tendo em conta o lugar atual onde vivem estas crianças, aonde a transformação local vem ocorrendo aceleradamente e tem vindo a transformar a vida quotidiana das pessoas, constatou-se que a maior parte destas crianças é proveniente de famílias, cujos pais são naturais) de outras cidades, estados, tendo como outro fator que 4,17% são de outro país, sendo que muitas delas têm naturalidade diferente da dos pais. Veja-se a (Tabela 1).

Naturalidade	Crianças	Pais	Mães
Florianópolis	62,5%	41,67%	20,83%
Concórdia (SC)	4,17%	-	-
Oeste catarinense	-	16,67%	25,0%
Rio Grande do Sul	-	20,83%	20,83%
Porto Alegre (RS)	8,33%	-	-
Mato Grosso do Sul	-	-	4,17%
Belém (PA)	-	-	4,17%
Argentina	4,17%	-	4,17%
Não responderam	20,83%	20,83%	20,83%

Tabela 1: Dados obtidos pelos familiares das crianças da instituição (Inquéritos)

Diante da Tabela acima, pode-se observar que a porcentagem maior é de crianças nascidas em lugares diferentes dos pais e que a vinda destas pessoas de outros lugares contribui para o aumento populacional da região.

De acordo com a caracterização do envolvimento e da rotina da criança, conclui-se que a maior parte da amostra com 41,67% reside com os pais e irmãos, sendo que apenas 4,17% mora com os avós. De acordo com Neto e Malho (2004, p. 5), “A família é ainda, fonte de satisfação e de insatisfação para a criança. “É na família que primeiro aprende; é aí que também aprende modos de enfrentar “problemas” de acordo com as tradições culturais e experiências do grupo a que pertence”. [...]. Embora, balizemos essa afirmação com o fato de que, segundo dados do IBGE de 2010 e do Educacenso de 2011, em Florianópolis 43,8% das crianças de 0 a 3 anos e 99,5% das crianças de 4 e 5 anos frequentem as instituições de educação infantil e, portanto, têm sua educação e cuidados partilhados entre as instituições públicas e as famílias.

II- PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Diante da proposta na pesquisa, este estudo contou com a observação participante no cotidiano da instituição e do itinerário casa/NEI/casa. Passados cinco anos, retorno a esta instituição, na qual atuei alguns anos atrás. Dei os meus primeiros passos precisos, não tive dúvidas na escolha da instituição, já que se tratava de um lugar onde nasci, cresci e trabalhei, para além de ser um estudo social da criança, no sentido de verificar como se dá a mobilidade e a autonomia no espaço de vida das crianças nos contextos sociais diferenciados onde se encontram.

Confesso que estava com dúvidas, incertezas, insegura, inquietação apenas em relação à forma como o grupo institucional iria-me receber.

No primeiro dia fui à instituição me apresentar e informar-me como esta procederia relativamente à aceitação da minha presença para a realização da minha pesquisa. Houve uma receptividade dos funcionários da instituição, de forma atenciosa e amigável para comigo. Mas, para além disso, percebi também

uma dificuldade de entendimento quanto ao meu papel como pesquisadora, ao que seria a minha pesquisa e qual sua importância para a melhoria na condição do trabalho. Muitas perguntas foram feitas, as quais foram respondidas. Após muito conversar e trocar ideias sou aceita pela instituição. Mas a aceitação ainda estava por vir. Teria que apresentar o meu projeto de pesquisa à Gerência de Formação Educacional da prefeitura, na tentativa de ser aprovada. Ao obter algumas informações referentes à autorização da pesquisa, adiantei-me em providenciar alguns documentos que faltavam. (Registro escrito, data 05/09/2011)

O tempo era curto e as dificuldades encontradas durante a minha entrada na instituição foram poucas, mas existiram e, ao longo do trabalho algumas delas serão apresentadas.

Tendo como eixo norteador do trabalho a compreensão da mobilidade e da autonomia das crianças, primeiramente estruturei um processo de aproximação às crianças a partir do espaço institucional. Nesta etapa busquei conhecer como as crianças interpretam o espaço público da instituição de educação infantil que frequentam, suas impressões sobre os seus itinerários, os espaços que frequentam, o que conhecem destes espaços mediante uma *cartografia* dos lugares por onde frequentemente passam e que ocupam na sua rotina de vida educativa.

A pesquisa de campo, realizada com crianças com a faixa etária entre 5 e 6 seis anos, deu-se por meio da participação ativa das crianças com métodos observacionais. As observações realizadas envolveram a participação de 24 crianças dentro da instituição.

É uma metodologia que envolve a observação participante com as crianças. O uso do termo participante inclui a observação ativa do escutar, do refletir, de relacionar-se com outras crianças no diálogo, com apropriação e a compreensão dos acontecimentos que ocorrem entre elas e o mundo que as rodeia. Pois é através da observação e dos diálogos com as crianças, que podemos compreender e apreender o que elas conhecem e, por certo o que elas aprendem e como elas aprendem. Abramowicz (2003, p. 20) enfatiza que “a fala da criança é legítima, tanto quanto qualquer outra voz...”. É por meio destes, que alargamos e refinamos o nosso conhecimento das interações verbais com o outro.

As crianças constituem um grupo social, uma característica permanente da sociedade. Para a compreensão do seu ponto de vista, é preciso ser feito um trabalho, no qual, considera-se o conhecimento da criança como um fator essencial de experiências, numa ordem social, na qual se dão nos relacionamentos entre grupos sociais, numa condição social da Infância.

Segundo Fernandes (2006, p.26):

A sociologia da infância tem sido responsável em sustentar este enfoque, que privilegia um espaço social e científico para o grupo social, abrindo assim o caminho para o desenvolvimento de novas formas de desenvolver investigação com as crianças e para a construção de conhecimentos acerca das mesmas.

Na sequência da observação participante na instituição, acompanhei com o consentimento dos familiares, algumas crianças nos seus itinerários quotidianos, observando quem as acompanhava, como se socializavam e interagem nas culturas de pares, a troca do saber socialmente e produções de conhecimentos. Além do consentimento por escrito, participei de uma reunião com as famílias, mediante a qual expliquei a pesquisa e levantei alguns dados necessários para que pudesse selecionar as crianças que acompanharia no percurso até o NEI.

Observei quatro crianças deste grupo no percurso casa/instituição/casa, com o consentimento dos familiares, sendo apenas um menino e três meninas. A seleção das crianças ocorreu a partir de um levantamento prévio com as famílias acerca do modo como estas se deslocavam até à instituição e de acordo com a disponibilidade das famílias em serem acompanhadas pela investigadora durante alguns dias, sendo indicado o período de, no mínimo, uma semana. Os protagonistas, desta pesquisa, são crianças filhos de pais trabalhadores, moradores do próprio bairro, onde se localiza a instituição.

Diante dos relatos das crianças, dos seus desenhos e das observações do espaço, buscou-se na intersecção com produções teóricas de estudiosos da Sociologia da Infância e dos temas afins desse estudo, como corpo, mobilidade e autonomia, organizar um conjunto de conhecimentos – empíricos e teóricos - que permitirão a

compreensão da problemática delimitada, ainda que parcial, pelo facto de ser um estudo de mestrado com um tempo bastante reduzido.

Investigou-se diretamente com as crianças os usos que fazem do espaço da instituição de educação infantil quando estão na companhia de seus pares. Buscou-se conhecer a sua opinião sobre os espaços da instituição de educação infantil; o que motiva tal escolha e a sua relação com a mobilidade e autonomia.

A participação infantil, como refere Soares (2006, p. 27) “é um aspeto central para a definição de um estatuto social da infância, no qual a sua voz e ações são aspetos indispensáveis”.

Considera-se que o desenvolvimento humano é inseparável do contexto material e social. Para a criança, a compreensão do espaço e das relações com o outro, com os objectos e acontecimentos, é uma tarefa essencial. A sua interação com o espaço envolvente; o modo como elabora e dele se apropria, a forma como este se adequa e responde às suas necessidades e interesses que permitem à criança tomar uso do espaço, reinventar e reproduzir o mundo que a rodeia para a construção da sua identidade, mobilidade e autonomia.

Nas observações do quotidiano percebi o movimento das crianças e suas maneiras de interagirem de forma lúdica com a natureza, com os animais, com os mais velhos, com as crianças mais novas e com as crianças da mesma idade. As relações sociais, o experimentar, o imitar, o inventar brincadeiras e manusear os brinquedos nos mais diversos momentos.

Diante das minhas observações, dos registros fotográficos e da cartografia feita pelas crianças, mediante os seus desenhos e relatos, acerca de como caracterizavam os espaços preferidos internos (instituição) e externos (espaços públicos) para a construção de mobilidade e autonomia, apresento as categoriais que delimitei nesta pesquisa.

Foi um processo muito intenso, no qual foi preciso um olhar atento, analisar cada registro e fotografias e até mesmo compor as cartografias; as vivências no espaço interno e externo da instituição, no percurso de casa/instituição/casa, a interação com a paisagem, com o meio; as vivências dos espaços tidos como proibidos,

muitas vezes frequentados a partir dos encontros com os seus pares. Nos desenhos eram destacados os brinquedos, as pessoas, as paisagens naturais, acompanhadas de vidas. Estes registros evidenciaram-me o quanto o brincar, os movimentos, as interações, o direito de ir e vir, são importantes e estavam presentes nos seus quotidianos.

III- MOBILIDADE E AUTONOMIA NA INFÂNCIA

Mediante as observações participativas, feitas durante o período de 3 meses, algumas afirmações podem ser ensaiadas nesta pesquisa e o mais importante foi o movimento de encontro com as crianças: o ouvir, o pensar e o sentir o que dizem as crianças.

Na sucessão de acontecimentos do dia-a-dia na instituição, as crianças não só eram observadas, como também elas próprias observavam os demais colegas e adultos que estavam presentes.

Percebendo que estavam sendo observadas por mim e com um caderno de registro a mão, houve alguns questionamentos por parte das crianças.

Enquanto estava a olhá-las, distante, sentada numa cadeira do tamanho da das crianças, chegou perto de mim uma menina e perguntou:

Criança 1: – Tu és professora?

Pesquisadora: (risos) – Não...não sou professora aqui. Mas já trabalhei aqui. Eu agora sou pesquisadora. Estou aqui para estar com vocês, observar como vocês brincam, conversam...

Criança 1: – Que bom!

Pouco tempo depois chega outra criança e faz a mesma pergunta:

Criança 2: – Tu és a nova professora?

Mais uma vez eu explico.

Pesquisadora: Não! Sou uma estudante e eu estou fazendo pesquisa com as crianças; escrevo tudo o que vocês fazem neste caderno. (Diário de campo, 19/09/2011).

Com o meu instrumento de trabalho, o caderno de campo, pude observar, ouvir e registrar, o quanto é enriquecedor a observação junto a um grupo de crianças. Esta possibilidade de responder a perguntas frequentes, inquietantes e curiosas levantadas pelas próprias crianças, leva-me a considerá-las como sujeitos que se posicionam nas situações e que é necessário ouvi-las e mais que isso, dar atenção aquilo que dizem.

No meu primeiro dia na instituição, eu acompanhava as crianças na sala, no parque, no lanche, na chegada e na saída. Por eu estar sempre presente em todos os espaços, estava a deixar as crianças inquietas, curiosas, ansiosas. A minha presença estava a ser perturbadora, pois até àquele momento não havia uma apresentação formal da minha pessoa ao grupo. Era como se aquele alguém estranho estivesse a invadir o espaço delas. As crianças queriam saber quem era a pessoa? O que queria? O que fazia? (Diário de campo, 19/09/2011).

Em todos os momentos em que eu estava com as crianças, nos diversos espaços da instituição, havia uma necessidade delas em se aproximarem de mim. As perguntas eram muitas. Daí a necessidade de apresentar-me a elas. Numa roda de conversa apresentei-me, disse-lhes o meu nome e qual o meu objetivo por estar na instituição, em especial na sala delas. Questionei se gostariam de ser fotografadas, filmadas e entrevistadas. Algumas crianças disseram que sim, outras com timidez responderam que não. Perguntei-lhes se eu precisasse de utilizar as suas imagens para publicar no meu trabalho, elas autorizariam? Algumas crianças responderam que sim, outras já não.



Imagem 3: Conversa em roda com a pesquisadora no espaço da instituição. capturada por Marilene Elza das Chagas (setembro, 2011).

O importante para mim era tranquilizá-las quanto ao facto de se depararem com alguém desconhecido e a compreensão da minha pesquisa, para que elas como protagonistas da pesquisa me ajudassem a encontrar o caminho e possibilidades na construção da própria pesquisa. Naquele momento elas aceitaram melhor a minha presença, acalmaram-se e demonstraram estar satisfeitas e interessadas em contribuir para o meu trabalho em campo.

Partindo desta perspectiva, tornou-se necessário ouvir as crianças. Inculir nelas a ideia de que são sujeitos com direitos, produtores de culturas, capazes de falar de si, de seus interesses e vontades, com suas peculiaridades. Protagonistas das suas próprias ações.

3.1 A organização dos Espaços para o Lúdico

Nesta secção, pretende-se mostrar as preferências dos espaços para as crianças enquanto possibilidade de mobilidade e autonomia no brincar, suas brincadeiras, suas formas de sociabilidade, que surgiram no processo da pesquisa, tendo como referencial a Sociologia da Infância e lencei mão do meu olhar atento a essa

questão. Suas vivências, reveladas no seu cotidiano, tanto na vida familiar quanto institucional. Nesta etapa do trabalho torna-se necessário compreender o que as crianças desejam, necessitam, exprimem, pois partindo do pressuposto de que elas são atores sociais, sujeitos de plenos direitos, tomarei como fulcral a consideração das possibilidades e o direito de ir e vir, as considerações referentes à voz e ações das crianças, mediante a construção do conhecimento acerca dos seus mundos sociais e culturais.

3.1.1 Brincar é coisa séria!

Brincar não é perder tempo, é ganhá-lo.
É triste ter meninos sem escola,
Mas mais triste é vê-los enfileirados em salas sem ar,
Como exercícios estéreis, sem valor para a formação humana.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE⁷)

Desde a chegada à saída das crianças, procurei conhecer o seu dia a dia, identificando as atividades desenvolvidas por elas e em especial nas suas brincadeiras. Explicito algumas destas brincadeiras com fotos, desenhos e relatos relativamente aos seus cotidianos, onde os movimentos e os acontecimentos eram vividos nos espaços físicos da instituição.

Este grupo de crianças, que teve oportunidade de observar, gosta de explorar todos os espaços internos e externos existentes na instituição, no parque e dentro da sala, estabelecendo relações com outras crianças de outras idades, transformando este espaço em lugar enriquecedor de socialização e interação.

⁷ Poeta brasileiro.



Imagem 4: As crianças do GVI no espaço da instituição.
Capturada por Marilene Elza das Chagas
(outubro, 2011).

Embora tenham interesse pelos diferentes espaços, sem dúvidas este é o espaço/tempo que mais lhes atrai: o parque! E o que mais atrai estas crianças nesse espaço é a árvore das amoras. No período da observação era a época dessa maravilhosa fruta. Observei que as crianças maiores sobem no alto para apanharem os frutos/as amoras para os pequeninos. Os maiores sentem-se satisfeitos por ajudarem os menores. Tanto Agostinho (2003) como Batista (1998) em suas pesquisas, consideram o parque um espaço valorizado pelas crianças. Batista (1998, p. 101) vê-o como o “espaço de excelência da instituição, seus rostos revelavam o quanto a alegria, o medo, a proteção, o mistério, a descoberta, enfim, uma série de sentimentos e acontecimentos envolviam constantemente o dia a dia institucional destes seres”.

Este é um espaço de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças, no qual o brincar contribui para expressar, pensar e recriar o mundo.

Neste processo esta relação com os seus pares, com crianças de outras idades estabelecem uma rica relação, com construção de linguagens e significados. Ressaltando o que afirmam os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a

Educação Infantil (2006, p. 15): “Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade [...]”.

Por meio de alguns estudos e autores busquei também compreender como se dava a autonomia, mobilidade e a interação das crianças entre pares, criança e adultos, criança e espaço físico institucional.

Diante das sucessões de acontecimentos diários na instituição, dos movimentos, dos gestos, o ir e vir de um espaço ao outro, explorando todos os espaços físicos existentes nesta instituição, observava que havia uma constituição de seres sociais, históricos e culturais, que têm como marca a heterogeneidade.

Segundo Sarmiento (2010, p.14), “O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social” [...].

Na convivência com seus pares é que a criança se apropria, reinventa e reproduz o mundo que a rodeia. Assim, o brincar não é um ato natural na vida das crianças. É através da brincadeira que a criança recria o seu mundo com o poder da imaginação.

De acordo com Vigotsky (1987 apud Aline e Ellen, 2007, p.17) o brincar é uma atividade humana criadora, na qual fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretações e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de constituir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Nessa perspectiva, no brincar a criança tem a possibilidade de interagir com o outro de maneira que possa experimentar aprender, apreender, expor suas emoções, conflitos, vivências, interagindo consigo e com o mundo que a rodeia. Desde o nascimento a criança entra num processo de interação com o mundo dos adultos e de outras crianças que compartilham o seu contexto de vida.

Para Vigotsky (1989 apud Oliveira; Stoltz 2010) “pela interação social, a criança tem acesso aos modos de pensar e agir correntes em seu meio”. Sendo assim, através

das trocas com o outro, ela reflete, apreende e reelabora os seus valores na realidade compartilhada. Deste modo, o desenvolvimento humano ocorre através de

[...] o imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade de cada criança concreta, mas isto acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo.

O ato de brincar está presente em diferentes tempos e lugares e de acordo com o contexto histórico e social em que a criança está inserida. Sendo assim, esta é uma categoria relevante para este trabalho, pois ao conhecer as experiências de mobilidade e autonomia das crianças, pressupomos que o brincar será uma marca dessas experiências e que conceituá-lo como uma produção cultural é, portanto, imprescindível.

Tomamos o brincar como primordial e essencial para a vida da criança, ou ainda melhor, para o processo de tornar-se humano de cada sujeito. É um processo psicológico e social, de desenvolvimento e aprendizagem para o ser humano. É importante para o desenvolvimento infantil, na medida em que se transforma e produz novos significados. Tal como afirma Sarmiento (2003: 12) “O brincar é uma condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade”.

O brincar envolve muitas aprendizagens, as quais impulsionam novas conquistas e novas possibilidades de compreensão e de ação sobre o mundo:

trocas recíprocas entre os sujeitos e entre estes e o meio, influenciando um sobre o outro, continuamente.

Portanto, brincar com o outro é um momento de interação pessoal importante para o desenvolvimento social das crianças. Sarmiento (2003 p.15), afirma que [...] “As crianças, nas suas interações com os pares e com os adultos, estabelecem processos comunicativos configurados dos seus modos de vida”.

Ao considerar a afirmação de Sarmiento, a relação social é um meio de troca e a brincadeira faz parte do lúdico-cultural, no qual se transmitem valores, costumes, formas de pensamentos e ensinamentos. Assim, o brincar é um importante modo de interagir, inserir-se culturalmente e socialmente, mas também de produção de novas

formas de sociabilidade, já que as crianças reproduzem as relações sociais, mas interpretam-nas.

Ainda segundo Sarmiento (2003, p.3).

Observo um grupo de crianças a brincarem no parque. Por alguns minutos fico a observar a caixa de areia, que elas exploram. As meninas pegam num ecrã que está na casinha e colocam-no no espaço onde fica a caixa de areia. Elas começam a brincar de casinha e ligam a “televisão”, que é o ecrã. Uma das meninas, que era a filha, parou em frente da televisão e disse: – Que horror, ele está matando! (Diário de campo, 04/10/2011).



Imagem 5: Brincando de faz-de-conta/instituição.
Capturada por Marilene Elza das Chagas
(outubro, 2011).

Segundo Vigotsky (1991, p.144), “As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo [...]”. No ato de brincar a criança vivencia e concretiza situações que, geralmente, já viveu ou ainda vive, seja em seu contexto social quotidiano direto, seja por meio de infomrações às quais ela tem acesso por meio de interações com outros sujeitos e meios, como os meios de comunicação social.

O que chamou a atenção nesse episódio foi a seriedade com que estas crianças agem, incorporam o papel. As crianças quando brincam de “faz-de-conta”,

apropriam-se da cultura e através dessa experiência experimentam, imaginam, interpretam e constroem significados para diferentes situações.

Para Corsaro (2002), quando a criança brinca ao faz-de-conta, ela exerce uma reprodução interpretativa dos elementos que compõem a cultura na qual está inserida. Assim os brinquedos interagem com a reprodução que as crianças fazem da realidade de seus contextos e permitem que ela inclua novos elementos por meio da sua cultura de pares.

Portanto o faz-de-conta é a capacidade que a criança tem de interpretar e reinterpretar os papéis sociais e ações sobre o mundo que a rodeia, criando assim novas regras que não só valerão para a brincadeira, mas também para a sua vida. Concordando com Silva e Santos (2009, p. 10): “A brincadeira é uma das linguagens que se destacam na infância e é através dela que a criança significa e ressignifica o mundo, constituindo suas práticas culturais”.

É na exploração do mundo, do meio ambiente, na manipulação dos objetos, nas trocas com seus pares, etc., que a criança vai aprendendo, vai buscando fora de si o conhecimento. Desta maneira, o brincar permite que haja uma troca de novos conhecimentos entre pares, adulto e criança.



Imagem 6: Brincando de faz de conta. Aniversário da menina Sarah
Capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011).

Neste mesmo espaço, as crianças estavam a preparar o aniversário da filha Sarah, a criança menor do grupo. Antes da festa acontecer uma das crianças ofereceu-me um pedaço de bolo, que ela mesma tinha preparado. Então, eu disse: - Só se for de chocolate! E ela respondeu-me: - Sim, é de chocolate! Ela deu-me o bolo e disse que era para deitar fora o bolo de areia, pois era de mentira. (*Diário de campo /10/20011*).

Segundo Sarmiento (2003, p. 10), “para as crianças, no âmbito do jogo simbólico – cuja importância na infância está bem estabelecida (Winnicott, 1975) -, o objeto referenciado não perde sua identidade própria e é, ao mesmo tempo transmutado pelo imaginário [...].”



Imagem 7: A menina Laisi na interação e socialização com seu colega de sala Luan. Capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011)

O prazer do brincar está presente constantemente neste grupo de crianças. Neste ambiente institucional a criança interage socialmente e vivencia situações de prazer, satisfação, mas também de confronto, propiciando uma troca efetiva de informações e interações. Elas estão sempre em busca de novas experiências, habilidades, conhecimentos, a aceitação da diferença e da diferença do outro.

Sarmiento (2003, p. 4) refere no seu texto “Imaginário e Culturas da Infância” que “A relação particular que as crianças estabelecem com a linguagem, através da aquisição e aprendizagem dos códigos que plasmam e configuram o real, e da sua

utilização criativa, constitui a base da especificidade das culturas infantis [...]”. Quotidianamente, as relações destas crianças são estabelecidas de acordo com os ambientes nos quais elas estão inseridas.

Durante as brincadeiras, pude observar que a forma de brincar das crianças entre si, revela o quanto elas vivenciavam momentos de imaginação, criatividade, relação social, apropriação do espaço e dos materiais disponíveis, interagindo e desenvolvendo suas potencialidades sociais e intelectuais. Entre elas havia um elo de amizade, carinho, respeito para com as diferenças.

O mesmo autor enfatiza que “[...] a aquisição e aprendizagem é desenvolvida predominantemente nas instituições educacionais (jardins de infância e escolas), tanto quanto nas interações realizadas no espaço doméstico, através da educação familiar” (ibid, p.4).

As interações sociais proporcionam a estas crianças aquisições, novos níveis de conhecimentos, tanto nos padrões sociais quanto nas experiências conjuntas.

Os brinquedos e as brincadeiras desenvolvem a imaginação, a criatividade, criando oportunidades para que a criança aprenda e interaja com os seus pares. Tal como afirma Sarmiento (2003, p.12) “A Natureza interactiva do brincar das crianças constitui-se como um dos primeiros elementos fundacionais das culturas da infância”.

Sendo assim, o lúdico é parte importante do processo de formação cultural. A criança cria uma relação, explora e descobre novos conhecimentos para a vida. Para Almeida (2009, p. 46):

[...] A socialização não é redutível a um processo que põe os atores em conformidade com o meio envolvente, não reduz apenas à aquisição de disposições, porque implica que os atores adquiram capacidade de adaptação a um meio múltiplo e em mudanças e, sobretudo, capacidade de individualização e autonomia.

Para a criança, a socialização é um processo de construção e adaptação, o qual se dá através da sua apropriação e reprodução. Ela faz-se no convívio familiar, instituição, comunidade, enquanto lugares de construção de saberes e fazeres. Elas

buscam informações do mundo adulto para a construção de culturas de pares, co-produtora de seus próprios interesses. As crianças constroem atividades em que as culturas de pares estejam envolvidas, para assim contribuir para uma sociedade adulta.

3.1.2 O movimento como forma de inscrição no... e apreensão do... mundo

As descobertas feitas com o corpo deixam marcas, são aprendizados efetivos, incorporados. Na verdade, são tesouros que guardamos e usamos como referência quando precisamos ser criativos em nossa profissão e resolver problemas cotidianos. Os movimentos são saberes que adquirimos sem saber, mas que também ficam à nossa disposição para serem colocados em uso. (Esteban Levin)⁸

Não há dúvidas de que as crianças se movimentam com bastante recorrência. Elas demonstram seus estados afetivos, emocionais, seus conhecimentos sociais, as inscrições da sua cultura, suas necessidades e interesses pelo corpo.

Cabe aqui citar a frase de Rodrigues, (2005, p. 37) da sua obra *Corporeidade e Exclusão Social*: “O corpo nos seus movimentos, imobilidade, simetria, silêncio, assimetria, silêncio, expressões, sinais variados, etc., é a primeira forma de comunicação da criança com o seu envolvimento”.

O movimento é uma linguagem corporal que manifesta estados, sensações, ideias. Através do movimento corporal, a criança explora seu corpo, o que contribui para o desenvolvimento da flexibilidade, agilidade, equilíbrio e coordenação motora. “A criança descobre o prazer de brincar com suas mãos, com seus pés, depois com todos os seus segmentos. É o prazer de viver o seu corpo que é essencialmente prazer do movimento em si mesmo, sem outra finalidade [...]” (Revista do Centro de Educação, 2000).

Com minha experiência com crianças e na observação como pesquisadora, fica evidente o quanto elas gostam e ficam satisfeitas em se movimentarem e que,

⁸ Psicólogo argentino e pesquisador em psicomotricidade.

quando as crianças brincam, elas vivem a brincadeira na satisfação do seu bem-estar.

Numa das observações junto ao grupo do NEI Campeche:

As crianças desenvolviam uma brincadeira que elas mesmas criaram. Fico com o olhar atento e observo três meninas que se reuniam no canto da janela. Lá, havia um colchonete que colocaram no chão e começaram a brincar às cambalhotas e jogavam-se uma em cima da outra. A professora, ao passar por perto, avisa para terem cuidado para não baterem no armário que estava ao lado e não se machucarem (Diário de Campo 21/09/2011).

Naquele momento, havia uma mistura de alegria, satisfação, encorajamento, segurança para algumas e insegurança para outras, que provinham de seus corpos.

A brincadeira é um ato muito sério e por meio de suas conquistas, a criança proclama pelo seu poder e autonomia, explora o mundo, faz pequenos ensaios, compreende, assimila e altera esse mundo. Nesse complexo processo, o movimento aparece como um elemento agregador; movimentar-se e brincar parecem ser dois elementos centrais na constituição das experiências das crianças.

Nas observações, via que as crianças gostavam de experimentar novas sensações, de rolar, pular, correr, escorregar, fazer cambalhotas, manifestando assim, um conjunto de experiências corporais e lúdicas, as quais proporcionavam o contacto consigo e com o meio.



Imagem 8: Espaço... Um lugar de representação pelas crianças. Espaço interno da Instituição. Capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011).

Enquanto uma das crianças faz seus movimentos, as demais observam. Seus olhares entre pares dão possibilidades de experiência e aprendizagem. Ao brincar, a criança desenvolve a cognição, a criatividade e, principalmente, promove a interação e a socialização.

Winnicott⁹ (1975, p. 63) citado na revista Educação (2002) considera que:

[...] o ato de brincar é mais que a simples satisfação de desejos. O brincar é o fazer em si, um fazer que requer tempo e espaço próprios; um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesmo (a criança) e com os outros.

Portanto, para a criança o brincar e o movimentar-se constituem-se como componentes importantes no desenvolvimento saudável, sejam eles propostos pelos adultos ou organizados pelas próprias crianças.

Concordando com Rodrigues que (2005, p. 37): “Muito antes de a criança falar já o seu corpo fala”. O movimento é uma linguagem fundamental, pois através deste há uma comunicação de estados, sensações, ideias.

⁹ Psicanalista inglês, estudioso do crescimento e desenvolvimento infantil.

Permitir que a criança se movimente, possibilitamos-lhe, a exploração do meio em que vive, aprimorando assim a mobilidade e a expressão com mais liberdade. Para Garanhani¹⁰ (2002, p. 3) “Na infância, a capacidade de brincar otimiza o desenvolvimento físico-motor da criança e propicia uma relação com os símbolos que constituem as atividades do seu cotidiano [...]”. Portanto, a criança necessita agir para compreender e expressar os significados presentes no contexto histórico-cultural em que se encontra.

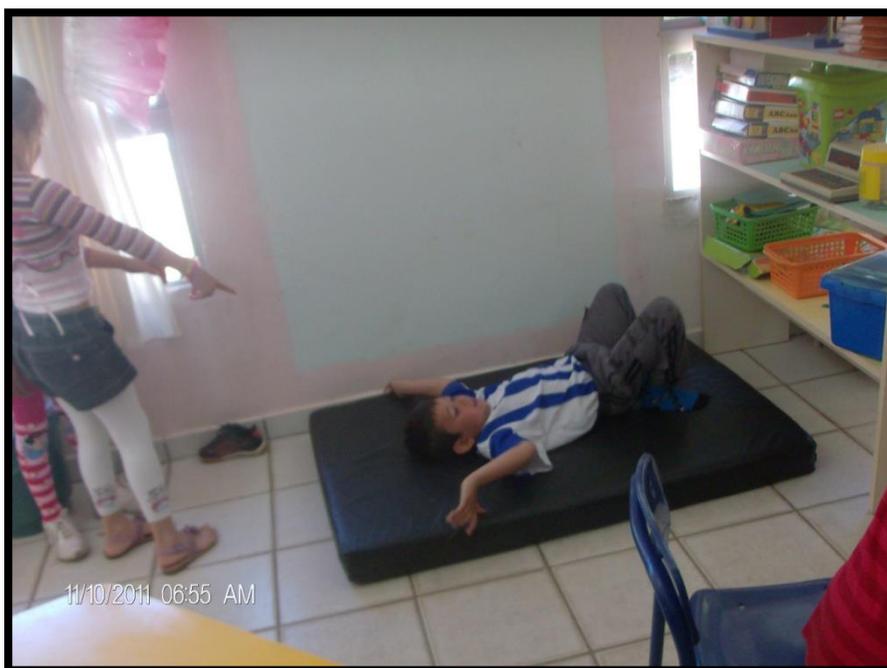


Imagem 9: as crianças a brincarem com o corpo. Espaço interno da instituição.
Capturada por
Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011)

As crianças quando brincam em grupo ou individualmente criam suas próprias regras, que o adulto por vezes não entende. O que muitas vezes é errado para o adulto é o certo para as crianças, pois elas trabalham em grupo em prol dos seus interesses. O adulto tenta colocar regras, mas elas mesmas é que ditam suas próprias regras. Nessa brincadeira com os colchonetes as crianças arranjam maneiras de melhor se movimentarem com o corpo, sem se machucarem.

Ao fazerem os movimentos com o corpo, o adulto vem e interage com as crianças, ensinando-as a fazer de forma diferente, achando que a melhor maneira é a dele,

¹⁰ Professora do Departamento de educação Física da UFRR, mestre em Educação e doutoramento em Psicologia da Educação na PUC-SP.

mas a melhor maneira para o adulto, nem sempre é a melhor maneira para as crianças (Diário de Campo 04/10/2011).

De acordo com Freire (2011, p.47) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”. Cada criança possui suas peculiaridades e maneiras de pensar, jogar, brincar, falar, escutar e movimentar-se. É por meio destas diferentes linguagens que elas se expressam no seu cotidiano, no seu convívio familiar e social, construindo assim a sua identidade. A criança expressa-se com o seu corpo, através do movimento. O corpo possibilita à criança apreender e explorar o meio que a cerca, estabelecendo assim uma interação com o outro e com o mundo.

De acordo com Basei (2008, p. 1) “A criança utiliza seu corpo e o movimento como forma para interagir com outras crianças e com o meio, produzindo culturas. Essas culturas estão embasadas em valores como a ludicidade, a criatividade e nas suas experiências de movimentos (SAYÃO, 2002)”.

Sendo assim, a brincadeira, o jogo e o movimento corporal das crianças contribuem para o seu desenvolvimento e aprendizagens. Contudo, contribui não só para a aprendizagem, mas também para o desenvolvimento social, pessoal e cultural, possibilitando o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do pensamento.

Desde a chegada das crianças a instituição, o colocar da sua mochila pendurada no gancho, o interagir com o grupo, o lanche, as atividades, a hora do parque, até o momento da saída, percebia-se o universo infantil marcado pela diversidade e singularidade de movimentos, gestos e olhares de curiosidade.



Imagem 10: Observação na instituição NEI Campeche. Movimentando o corpo.
Capturada por Marilene Elaz das Chagas (outubro, 2011).

Diante da imagem acima e tomando como ponto de partida as evidências obtidas nas observações, é possível afirmar que as crianças interferem no cotidiano da instituição com atividades organizadas por elas próprias, na relação com seus pares e com o adulto, no qual o experimentar, o imitar, o simular, o inventar gestos e brincadeiras nas vivências do seu cotidiano, nas suas necessidades, nos seus desejos marcam a produção das suas culturas infantis. Para Loris Malaguzzi, educador italiano, “as coisas das crianças aprende-se ficando com as crianças”.

Visto que a criança deve ser concebida como sujeito de direitos, neste ponto de vista, é fundamental o direito ao brincar, este como a maior fonte de conhecimento, de movimentos corporais, de sensibilidades e emoções como reconhecimento de um ser social, produtor de cultura. Como diz Saporoli¹¹ (1997 apud ABRAMOWICZ, 2003, p.19) “crianças, esses corpos cheios de energia que insistem em produzir movimentos [...]”.

¹¹ Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1997.

O ambiente institucional torna-se um lugar para as relações sociais entre criança/instituição, criança/criança e criança/adulto. As crianças são seres em formação e, de facto elas precisam de cuidados, proteção e atenção por parte do adulto, e dentro deste contexto necessita de um envolvimento cultural, social com outro, frente aos desafios que o mundo lhes apresenta.

3.3 Espaços de interação: lugares de representação

As brincadeiras em espaços externos ou internos da instituição permitiram às crianças do NEI Campeche vivenciar, experimentar, inovar, explorar o “proibido”¹², elaborar hipóteses do que está ao seu redor, descobrir e afirmar a sua identidade mediante a interação com o outro.

Assim, a imaginação e a criação aparecem nas “simples” brincadeiras na areia, em que fazer um buraco na terra e encontrar um pneu enterrado, que para o espanto das crianças lá estava, logo se torna um tesouro encontrado debaixo da terra (Diário de Campo 27/09/2011).



Imagem 11: Faz de conta, no parque. Capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011).

¹² Proibido no sentido do quanto as crianças buscam explorar espaços, situações, que algumas vezes são indicadas pelos adultos como não permitidas em determinados momentos.

Segundo Corsário (s/d) “As crianças não imitam simplesmente modelos adultos nessas brincadeiras, mas antes elaboram e enriquecem continuamente os modelos adultos para atender seus próprios interesses”.

Ou poderíamos dizer que a vivência do espaço como interação, como processo de socialização, no qual os encontros são acessíveis a partir dos encontros com os pares, em momentos de aceitação de arranjos e artefatos existentes. Observei uma cena na qual a criança está a brincar de ir à loja e utiliza as bananeiras como um vestuário, onde ela pode experimentar a roupa para a sua filha. Ela utiliza o espaço para sua brincadeira imaginativa e lança mão da sua vivência projetada.



imagem 12: A apropriação do espaço externo explorado pelas crianças.
Capturada por Marilene Elza das Chagas

As crianças brincam! Ao menos as crianças que observei no NEI, mas elas brincam porque têm bases materiais e simbólicas para tal. Para estas crianças brincar é coisa muito séria.

Segundo Rossetti Ferreira e Oliveira (2009, p.65, apud Correia s/d, p.8):

A criança assume em suas brincadeiras e condutas os papéis/posições daqueles com quem interage em seu grupo social, aprendendo e reproduzindo condutas, linguagens, rotinas, hábitos, costumes e valores próprios dessa cultura. [...] a

brincadeira de faz de conta ultrapassa a função de socialização que é atribuída à brincadeira infantil, apresentando um caráter inovador na própria cultura do grupo de crianças, além de permitir uma apropriação e elaboração de diferentes significados por elas.

Nesta perspectiva o brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Pois sendo assim, o adulto pode enriquecer o aspeto lúdico, através da interação com as crianças, possibilitando o prazer, o entusiasmo, a aceitação do adulto na brincadeira e o interesse pelo ato de aprender.

3.4 Os espaços preferidos pelas Crianças no ambiente institucional

3.4.1 Natureza, cenário do mundo de faz de conta



Imagem 13: subir à Árvore para apai Amoras, capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011).

Os diversos espaços da instituição devem ser explorados e utilizados pelas crianças de forma autônoma; todos os espaços institucionais devem ser pensados, refletidos, pesquisados e organizados com intencionalidade e premeditação, de modo que promovam a interação entre as diversas crianças acolhidas, independente de suas idades e grupos que pertencem (WIGGERS, 2000, p. 122).

Todo o espaço físico, seja ele interno ou externo é um território cultural, a ser ocupado, construído, bagunçado, organizado, marcado por experiência, sentimentos e ações.

Valorizamos o espaço devido o seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e a seu potencial para iniciar toda espécie de aprendizagem social, afetiva, cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço de e se uma espécie de aquário que

espelhe as ideias, os valores, as atitudes, e a cultura das pessoas que vivem nele. (MALAGUZZI, 1984 apud GANDINI, 1999, p. 157).

É importante considerarmos a existência de vários espaços para a brincadeira, como meio de ampliação da fantasia. Faz parte da história das infâncias e está presente no repertório lúdico e cultural. As crianças desenvolvem as capacidades efetivas e emocionais através dos variados objetos. As crianças revivem, reproduzem e imaginam cenas ou situações das suas vivências quotidianas.

O Núcleo de Educação Infantil Campeche, a instituição que foi um dos campos desta pesquisa, funciona num espaço amplo, aberto com bastante luminosidade. O NEI possui pátios com áreas relativamente grandes ao redor da instituição. Na frente, existem duas árvores proporcionando alguma sombra, alguns banquinhos de cimento. No outro, localizado nos fundos do prédio, há uma parte do parque, no qual está o escorrega, o balanço e a casinha e os pneus. E os outros dois lados direito e esquerdo, têm uma área com árvores frutíferas e hortas. Toda a área está coberta por terra, e grama, sendo que somente as calçadas são de cimento.

O pátio da frente possui várias utilidades para o desenvolvimento de atividades. Porém as crianças desse grupo frequentam-no pouco. O pátio dos fundos é mais utilizado pelas crianças, elas desfrutam de cada espaço encontrado nesse local.

No entanto, observou-se que no momento em que a professora comunicou às crianças que iriam brincar no espaço da frente do NEI estas não gostaram da ideia e ficaram insatisfeitas com a decisão da professora. Tentei perceber qual era o problema, pois elas estavam a todo instante a reclamarem para brincar na rua. Foram oferecidos alguns brinquedos que pudessem explorar. As meninas ainda criaram situações de faz de conta, a professora pôs uma mesa com louças, bonecas, mantas, etc. brincaram de casinha, mãe e filha. Já os meninos brincaram com os bambolês, a brincar a correr atrás dos colegas e a capturá-los (“polícia e ladrão”). Mas brincaram por poucos minutos, pois estavam a ficar saturados de estar naquele espaço. Houve um instante, de interferência por parte do adulto sugerindo e direcionando algum tipo de brincadeira. Nesse momento as crianças começaram a

empolgar-se e a divertir-se. Mas pouco durou a brincadeira, pois já era hora de entrar para a sala.

De acordo com os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, p. 8). “O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível a todos”.



Imagem 14: As crianças a brincarem no espaço externo da instituição. Capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011).

Durante as minhas observações no dia seguinte, solicitei à professora alguns minutos de conversa com as crianças. Comecei por falar da situação que havia acontecido no dia anterior, pelo desgosto de terem frequentado o espaço físico da frente da instituição. Então perguntei-lhes, se não o consideravam um espaço bom para brincar, ou se aquele espaço não era considerado como um parque?

Algumas crianças responderam que gostavam daquele espaço, mas que preferiam os outros, principalmente o parque de trás do NEI, pois havia mais brinquedos. Elas consideram o espaço, que frequentaram no dia anterior, sem atrativos. Elas disseram que naquele espaço onde estiveram no dia anterior só havia uma árvore e que o outro parque tinha mais árvores, o campo de futebol (meninos), escorrega, balanço, etc... O Leonardo, uma das crianças, referiu que gostava do espaço onde estivera, pois podia-se correr à vontade, mas que não havia brinquedos.

Depois desta conversa prôpus levá-las em grupo para observar os espaços que havia na instituição e em seguida, com uma máquina fotográfica, elas tirariam fotos dos espaços da sua preferência e depois diriam o porquê de tal escolha. As crianças

ficaram contentíssimas. A cada 20 minutos ficava com um grupo de 4 ou 5 crianças. (Diário de Campo, 30/09/2011).

Nesse momento, percebi o quanto as crianças têm um verdadeiro fascínio pelos espaços externos, pela natureza, porque lá fora tem sentido de liberdade.



Imagem 15: Os espaços externos da instituição, preferidos pelas crianças. Capturadas pelas Crianças do G:IV (setembro de 2011)

A interação e vivências com os espaços da sua preferência vieram ao encontro das características dessas crianças. Diante de algumas falas em relação aos espaços da instituição e por elas indicados nas fotografias, visualizamos os espaços onde gostam de estar:

Criança 1: - Gosto do espaço, onde está a árvore de amora; de subir na árvore; de fazer cambalhotas;

Criança 2: - Gosto do outro lado, pois tem árvore para fazer cambalhotas;

Criança 3: - Gosto do espaço que tem árvore, campo de futebol, mais brinquedos e que pode brincar de super-herói;

Criança 4: - Gosto do outro espaço, porque tem campo de futebol, mais brinquedos, tem uma árvore grande de amora e dá pra subir.

Criança 5: - Gosto do espaço onde está a árvore de amora;

Criança 6: - Gosto do espaço onde está a árvore da amora e do balanço;

Criança 7: - Gosto do espaço onde está a árvore de amora e a casinha;

Criança 3: - Gosto do espaço ao lado da minha sala, onde tem o escorrega;

Criança 8: - Gosto do espaço onde tem árvore de amora, campo de futebol, caixa de areia;

Criança 9: - Gosto do espaço onde tem árvore de amora, caixa de areia;

Criança 9: - Gosto do espaço que tem a caixa de areia, escorrega, campo de futebol.

Criança 1: - Gosto do espaço que tem o campo de futebol, escorrega, subir no pneu, subir nas grades de metal;

Criança 10: - Gosto do espaço que tem a caixa de areia e a casinha; (Diário de Campo 30/09/2011)

Segundo Valéria (2009, p. 60 -61):

[...] As crianças são muito curiosas e gostam do contato com a natureza, de olhar como as formigas se comportam, de abrir as torneiras e brincar com a água, fazem a festa no pátio de areia, querem subir nas árvores, enfim, procuram por cada canto de sua escola um vestígio de natureza com a qual possam ter contato.

Observo a cada instante que estou em contato com estas crianças, e percebo o quanto gostam de estar em contato com a natureza e brincam à sua maneira nestes espaços e com estes elementos, o que acaba por transmitir os seus sentimentos, ideias, fantasias.

As crianças exploram todos os espaços, tanto na instituição como no itinerário casa/Nei/casa, levando em conta suas preferências. Nos momentos de ir e vir da instituição para casa e vice-versa, observava que as crianças tinham certa liberdade de movimento em espaços ao ar livre. Elas demonstravam certa alegria, prazer em estar em contato com a natureza, considerando que elas adoram estar em contato com as flores, árvores, bichos, etc.

Ressaltando Espinosa (1983 apud Tiriba, 2010, p.7): “As crianças declaram sua preferência pelos espaços abertos, em contato com a natureza, porque são modos de expressão desta natureza”.

Portanto, as crianças anseiam por áreas abertas e naturais, com árvores, gramas, animais, etc. Os adultos visam a segurança das crianças, e com isso a tendência a colocá-las em distrações eletrônicas e reduzindo a oportunidade de explorarem a natureza. Hoje vivemos num mundo concreto, onde o lugar de diversão passou a ser o shopping, poucos têm uma vida sociável com outras crianças, fora da escola. As crianças vivem em seus quartos, com a televisão, o computador e outros aparelhos modernos.

Contudo, a vida atual das famílias é de tal modo absorvente, preenchido de horários de trabalho, que muitas vezes não há tempo para se dedicarem ao tempo livre da criança. Um estudo revelou que nos tempos livres, nos períodos opostos aos que frequentam a instituição, a maioria das crianças fica mais dentro de casa. Veja o gráfico abaixo:



Gráfico 1: O que a criança faz no período oposto ao que está na instituição
 Fonte: Dados obtidos pelos familiares das crianças da instituição (inquéritos).

Devido aos estilos de vida dos familiares, a rotina das crianças de hoje são muito mais estruturadas e supervisionadas, com poucas oportunidades para brincarem livremente. Uma série de fatores levaram a isto. Os pais temem pela segurança dos filhos, como é o caso da mãe da menina Sarah, que no entanto consegue criar estratégias para que a menina usufrua do espaço público da rua:

Nas conversas com a mãe, ela dizia que não deixava muito a Sarah brincar no quintal, pois ela tinha um gato e um cachorro e estes animais fazem xixi e cocô na areia. Ela tem medo que Sarah possa pegar alguma micose. Sarah brinca mais no espaço que tem calçada. E eu pergunto:

P:- E na rua? Tu deixas ela brincar?

Mãe: - Sim, às vezes com o irmão;

P: - Mas a rua que entendes é o quintal?

M: - Sim, dentro do quintal e na frente da minha casa. Na estrada de chão, mas só quando o irmão está por perto. É um lugar bom para eles brincarem. Não passa carro na minha rua e eles se divertem muito. (Diário de Campo. 14/10/2011).

As crianças de hoje têm pouco acesso às calçadas, ruas, becos, terrenos baldios, etc... Além disso a vida destas tornou-se estruturada e programada pelos adultos, considerando que se os seus filhos tiverem os seus tempos preenchidos, podem tornar-se mais bem sucedidos, como adultos. Para Neto (2000, p.1):

As mudanças sociais ocorridas nos últimos 20-30 anos alteraram significativamente a estrutura de vida familiar. Os hábitos quotidianos transformaram-se radicalmente, os ritmos e as rotinas das crianças também. Brincar na rua é em muitas cidades do mundo uma espécie em vias de extinção. O tempo espontâneo, da imprevisibilidade, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado, uniformizado.

As crianças de hoje têm pouco tempo para brincarem mais livremente. E quando o têm, muitas vezes é gasto dentro de casa na frente da televisão ou dos computadores, comparando com as crianças de no máximo há três décadas atrás que podiam brincar, explorar e interagir com o mundo natural, com pouca restrição ou supervisão.

Relativamente ao bairro Campeche, ainda se encontra área verde de preservação, que possibilita às nossas crianças uma relação de respeito e cuidado com a natureza. O ser humano hoje está a distanciar-se cada vez mais da natureza e, de vez em quando, muitas pessoas sentem necessidade de visitar um parque ou uma praia para sentirem a natureza.

Muitos pais, mães, professores ou responsáveis pelas crianças não as deixam ter contacto com a natureza por medo de serem picadas pelos bichos, de se machucarem ou até por entenderem que, por conta do respeito à natureza, o contacto com esses elementos deve ser limitada. A questão é que a atenção do adulto é um elemento constituinte das relações, sobretudo dos profissionais na educação infantil e outro ponto é que para respeitar a natureza a criança precisa de se relacionar com ela.

Nessa perspectiva tomo a experiência da Laisi, uma criança que acompanhei no trajeto casa/NEI/casa, como dado de análise. Ela mora num lugar privilegiado, rodeada de belas paisagens naturais. Todos os dias tem oportunidade de colher

flores, molhar as plantas, ouvir os cantos dos pássaros, brincar nas árvores, permitindo os movimentos do corpo, desafiando e ultrapassando os obstáculos. Ela sobe, pula, faz cambalhotas num grande campo aberto.

Na rua, onde Laisi mora há muitas flores plantadas dentro do quintal dos vizinhos, que ultrapassam as grades do muro para fora, até à beira da estrada. Quando ela não consegue apanhar, pede ajuda à mãe. Simoni, pergunta se não há problema para mim, pois todos os dias elas fazem isso. Respondo que não, pois o meu objetivo é este mesmo, acompanhar o trajeto como ele normalmente é feito. Fazendo este trajeto, percebo que Laisi é conhecida na vizinhança, pois todas as pessoas que passavam por ela a cumprimentavam. Simoni chamou a atenção de Laisi, pois considerava que algum vizinho poderia não gostar do que ela fazia. Então uma senhora, ouviu e disse: - Deixa a menina colher flores!

Quando não estava a mexer nas flores, ela ficava a apreciá-las. Logo vinha para perto para conversar, ora ela dava risadas, ora saía correndo na frente. A mãe chamava a atenção para que tivesse cuidado. A mãe dizia sempre a mesma coisa para Laisi: não esquecer de ter atenção, mas a menina era cuidadosa. (Diário De Campo. 19/10/2011).



Imagem 16: A exploração no espaço da rua O lugar onde moro: . Percurso casa/instituição
Capturada por Marilene Elza das Chagas

Nas palavras de Sampaio (2007, p.16 apud Valéria, 2009, p.62): “A força da natureza sensibiliza cada uma das crianças de acordo com sua personalidade, sua percepção de mundo e sua curiosidade.”

O espaço ao ar livre contribui para a capacidade desta criança de experimentar com independência e autonomia, a confiar na sua competência.

Conversando com a mãe, Simoni diz que já morou num bairro próximo, mas que as condições do lugar não eram favoráveis. Não havia nada perto: Nem farmácia, escola, padaria, supermercado, enfim coisas que facilitam o dia a dia. Tudo tinha que ser feito com o carro. Até ir à casa de amigos da filha tinha de ser de carro. Isto dificultava a vida dela, pois ela não tinha a locomoção automobilística para “facilitar” a sua vida. Então ela decidiu, juntamente com o marido, ir morar para um lugar onde pudesse ir a certos locais sem precisar de usar o carro; mesmo pelas crianças, pois queria que as filhas tivessem amigos próximos delas, que não precisassem que os pais as levassem mas que pudessem ir e vir sozinhas a pé. Para ela ir para a instituição de carro, só se fosse dia de muita chuva ou por outro motivo, como atraso. A mãe considera que caminhar faz bem, desenvolve a criança e é proveitoso para ela (Diário De Campo. 19/10/2011).

Outra forma significativa de lazer entre as crianças, as quais observei, é correr pelo campo aberto em direção à instituição. Neste espaço elas correm, pulam, fazem cabalhotas.

As crianças também brincavam em cima do muro de salpico. Elas andavam pé ante pé, tentando equilibrar-se. Laisi mostrava os movimentos que sabia fazer. Em cima daqueles muros com salpicos, ela fazia vários movimentos com o corpo. Pelo caminho até chegar ao NEI, Laisi também foi colhendo flores. Havia flores, uma mais bonita que a outra. Laisi, cada vez que apanhava uma, mostrava à mãe e a mim, ela ficava muito feliz em tê-las nas mãos. Quando não alcançava, pedia à mãe, ou até mesmo a mim, para apanhar as flores. Essas flores que ela apanhava sempre as oferecia a alguém.

Sendo assim, há um reconhecimento por parte da família de que a criança brinca melhor e manifesta suas necessidades de crescimento, sua curiosidade e suas qualidades infinitas de movimentos através de espaços abertos.

Outro olhar atento foi em relação à menina Sarah. No percurso entre casa/instituição, observei o quanto ela parava no caminho. Frente às flores, olhava e colhia, tocava nos muros desenhados, parava e olhava os lixos no chão. Em algumas elas só tocavam nas florzinhas plantadas à beira da estrada. A mãe incomodava-se com estas situações, pois para ela era tudo lixo e não queria que Sarah se sujasse. Para Sarah não importava se era sujo ou limpo, ela tinha a curiosidade em tocar, sentir. Ela corria e parava, brincava na calçada de andar com um pé só. Ao atravessar a rua, a mãe pegava pela mão para protegê-la dos carros. Perto da instituição existe uma escola básica e, à frente desta havia um canteiro com flores plantadas pelos próprios alunos. Ao chegar à instituição, Sarah viu este canteiro e parou bem em frente e ficou a apreciá-las. Percebi o respeito que Sarah tem pela natureza. (Diário de Campo 14/10/2011).

Já em outras conversas, a mãe de Sarah falava dos perigos que o lugar trazia, pois o bairro já não era como antes. O movimento dos carros aumentou, a presença de pessoas desconhecidas também e, para andar a pé, só se fosse acompanhada com outra pessoa. Isso fez-me compreender a intolerância de deixar a filha estar sozinha na rua. (Diário de Campo 06/10/2011).

A mãe de Sarah é de uma cidade no oeste do estado, Xanxerê, e quando se mudou para o bairro onde mora atualmente o lugar era bem mais tranquilo. Segundo ela era um lugarejo, tudo muito pacato, sem grande movimento de carros e de pessoas.

Com o crescimento da cidade e a correria do dia a dia, reduziu-se o espaço e o tempo para brincar. Os avanços tecnológicos afetaram as brincadeiras, deixando a interação entre as crianças de lado.

Embora estas crianças tenham nascido numa localidade que é uma praia, no mundo de pescadores nativos, um lugarejo muito pacato, sem grande movimento de carros, de poucas casas, onde praticamente todos os vizinhos se conheciam, hoje o lugar é outro, a exploração turística tem vindo a crescer, a rua está a dar lugar a

estacionamento de carros, as calçadas estão a ser tomadas por casas e as vidas destas crianças são a ser cada vez mais protegidas pelas famílias, devido às preocupações com os perigos que representam os estranhos e o crescimento. Mesmo assim, elas têm o direito de viver o tempo de ser criança, o que ocasiona para as suas famílias um constante paradoxo, permitir que as crianças brinquem ou protegê-las.

A criança tem direito a sujar-se, cair, levantar, tocar, direito de construir uma cabana no campo, de ter um arbusto onde pode esconder-se e as árvores às quais pode subir e explorar uma variedade de lugares. Enfim direito a viver.

São poucas as crianças que ainda têm acesso livre para brincar na rua ou mesmo no espaço externo da casa, o quintal. Das crianças que observei, algumas ainda têm o que, infelizmente, indicamos como “privilégio” – e não direito - de explorar os espaços externos existentes onde moram. Embora seja um pouco inseguro para algumas delas, vemos essa situação exacerbada quando se trata de uma criança que já sofreu algum tipo de atentado. É o caso do menino Wuendryl. Diz a mãe que Wuendryl é uma criança muito insegura e tem medo de tudo: de estar no meio de pessoas que não conhece, da polícia, de falar com as pessoas. Perguntei se ele sofreu alguma situação que o deixou traumatizado. Ela disse, que talvez seja por conta de um assalto que houve, um tempo atrás, quando ele era muito pequeno. Os assaltantes ao fugirem da polícia, passaram correndo pelo quintal. Houve gritaria e ele ficou muito assustado. O trajeto que essa criança faz até o NEI é curto. Entre a casa de Wuendryl e a instituição há uma distância de aproximadamente 500 metros. Eles moram na Avenida Campeche. O movimento é grande, pois passam a todas as horas, minutos, e segundos carros, ônibus, bicicletas, motos e pessoas. É a entrada principal para a praia. O grande movimento de pessoas a transitarem pelas ruas ocorre justamente no horário das entradas e saídas das escolas que se encontram perto (Diário de Campo 25/10/2011).

Em conversa com a mãe de Wuendryl, ela diz que o filho não gosta de estar na frente da televisão a ver “bonecos”. Ela prefere dar-lhe uma bola ou uma pipa, pois ele gosta de brincar o tempo todo na rua. Explora bem o espaço externo da casa e pouco dentro de casa. Adora pescar, pois é de uma família de pescadores. Segundo a mãe, ele interessa-se por brincadeiras como soltar pipa, brincar ao pião, fazer

armadilhas para os passarinhos, bola, andar descalço. Mesmo com os avanços tecnológicos, as brincadeiras de rua podem conviver perfeitamente com os computadores e jogos eletrônicos.

Pergunto à mãe se ele brinca com outras crianças. Ela responde que sim. Brinca com crianças da mesma idade que ele, são os primos que vivem perto, moram no mesmo quintal. Pergunto se ele vai a casa dos amigos. Ela diz que não, Que às vezes vai a casa das irmãs e ele brinca com os primos, mas que não vai para a casa de outros sozinhos (Diário de Campo 27/11/2011). Ela assegura a interação com outras crianças dentro do que ela entende como um espaço seguro, propiciando um convívio com o outro por meio das brincadeiras que a maior parte das crianças hoje não tem a oportunidade de vivenciar, ainda que de modo monitorado. Nesse sentido, Sarmiento (2003, p. 7) afirma que:

Entre as formas culturais produzidas e fruídas pelas crianças, consideraremos fundamentalmente os jogos infantis, cuja memória histórica da sua construção se perde no tempo e que são hoje um patrimônio preservado e transmitido pelas crianças, numa comunicação intargacional que escapa em larga medida à intervenção adulta.

Contudo, é necessário conscientizar os adultos que o brincar é importante, como vimos ao longo dessa dissertação mediante os autores citados e que dêem liberdade às crianças para que possam expressar e vivenciar novas experiências. Em que contexto essa conscientização pode ocorrer? Aponto as instituições educacionais como um local privilegiado.

As crianças visam a necessidade de explorar os ambientes, tanto internos como externos concebidos por elas. Considerando o espaço como um lugar revelador e potencial de desenvolvimento, no qual o brincar é um ato de reprodução, troca de experiências e descobertas, torna-se necessário pensar como a criança, vê, sente e interpreta, explora, vivencia esse momento intenso, no qual ela é o ator.

Diante do exposto até aqui, fica evidente que uma criança de 5 anos tem opiniões próprias. Veja o que esta criança diz numa conversa entre adulto:

Conversando com Sarah no dia anterior, dentro da sala da instituição perguntei:

P: - Então Sarah, como foi tua vinda para o Nei hoje?

E ela me respondeu:

Criança 1:- Não foi muito boa!

E eu perguntei:

P: Então, porquê?

Ela responde:

Criança 1: - Porque, foi muito rápido! Viemos de bicicleta e não dá para ver muita coisa! Quando tu estás, nós viemos devagar, daí dá pra apanhar flores. (Diário de Campo 20/10/2011).

Considerando o que esta criança nos revela, o quão é importante a sua posição diante ao que se diz é preciso enfatizar, no entanto, que de qualquer maneira o adulto deverá mobilizar os diferentes olhares para compreender o que elas sentem, pensam e agem e reconhecer o seu direito a expressar a sua opinião.

As crianças são agentes ativos, de plenos direitos com sua cultura própria. Nada é mais fundamental que entender as crianças, as opções que colocam diante dos seus quotidianos, nos quais os meios de utilizar o seu tempo e espaço são valores e necessidades de ação que devem ser ouvidos e respeitados, já que as crianças possuem capacidade e competências para darem o contributo inovador para melhorar os espaços sociais em que vivem e por isso necessitam ser ouvidas (Chawla, 1997; Willow, 2002; Percy- Smith e Thomas, 2010 p.2).

Pinto e Sarmiento (1997, p.25 apud Müller 2006 p.14) também enfatizam que:

[...] o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixam na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças.

O modo como nós adultos nos relacionamos com elas, pode contribuir para as suas ações, como seres inteligentes, socialmente competentes e com capacidades de realizações, cheios de emoções e sentimentos.



Imagem 17: Percurso casa/instituição
Capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011).

Neste sentido, reconhecê-la como produtora de sentidos, com o direito de se apresentar como sujeito de conhecimento com as suas formas de relação e comunicação, dando-lhe a voz.

Considerando o comprometimento das crianças na observação participante, este grupo deu alguns contributos no sentido de entender acerca das representações sociais que as crianças, em diferentes contextos de vida, possuem, da sua imagem como sujeitos de direitos, com voz e ação nos seus quotidianos tem gosto em participar e ser, em fazer parte integrante do mundo social.

IV- MOBILIDADE FACE AO ESPAÇO FÍSICO

Pensar em mobilidade é pensar no direito de ir e vir, de cada cidadão. É a capacidade de mover-se, de agir no mundo. Capacidade esta, com direito de se deslocar de forma autónoma e realizar tarefas no dia a dia com exatidão, e ter possibilidades de ações.

Segundo Neto (1999, p. 9) “o conceito de independência de mobilidade deverá ser entendido numa perspectiva evolutiva”... Neste sentido, o Ser desde pequeno inicia sua relação com o ambiente por meio da exploração, interagindo com o meio em que vive e adaptando-se a este de acordo com suas necessidades, no qual favorece o desenvolvimento de sua identidade social. “Desde o início da vida, o contato que a criança estabelece com o espaço é fundamental para o seu desenvolvimento físico, motor, emocional e cognitivo” (KYTTÄ, 2004; OLIVEIRA, 2004 apud Neto, 1999, p. 9).

Contudo, o sujeito age no mundo através da interação com o meio. Ele é o protagonista da sua aprendizagem, na vivência ativa como os outros sujeitos e objetos, possibilitando assim as descobertas, trocas de saberes entre pares, de liberdade de ir e vir, de prazer, de individualidade, de partilha, enfim uma série de envolvimento que possibilite a socialização com o mundo e com as pessoas que as rodeiam. É através do seu envolvimento com o outro que possibilita que o sujeito comunique, trabalhe, aprenda, sinta o mundo.

Tonucci (2005, p. 203) revela que há sessenta anos atrás, a mobilidade de uma criança dos primeiros anos de ensino fundamental não era muito diferente daquela que os seus pais haviam vivenciado. O autor diz ainda, que a mobilidade do adulto hoje aumentou, porém a mobilidade da criança diminuiu, devido aos riscos dos automóveis.

Recentemente, pesquisas revelam, que atualmente a mobilidade está a ser reduzida devido ao crescimento populacional desordenado, tráfego de automóveis, congestionamento, poluição, atropelamentos, enfim, os riscos existentes na cidade.

Sayão (2002, p. 3) diz no seu artigo que:

O crescimento dos centros urbanos e as novas formas de moradia que confinam os sujeitos em espaços cada vez mais reduzidos, além de um excessivo tempo dedicado ao trabalho, também são consequências da modernidade que determinam, para a maioria das pessoas, um modo de vida cada vez mais sedentário, diminuindo as possibilidades de lazer e movimento assim como novas relações como outros e consigo mesmo.

Alguns anos atrás, as práticas espaciais das crianças estavam muito mais associadas ao espaço público do que atualmente. “Isto porque o cotidiano era vivido mais intensamente nas ruas da cidade, tidas como espaço da liberdade, do jogo e da diversão” (Oliveira, 2004 apud Cardoso; Daroda, 2011, p. 6).

Enfim, os encontros das crianças ou jovens nos espaços públicos ou privados revelam um anseio de experimentar, vontade de circular, de vasculhar os seus diferentes ambientes, de fazer descobertas.

Neto (1999, p. 3) considera também que:

As mudanças progressivas dos estilos de vida familiar e a alteração das rotinas de vida quotidiana dos filhos na gestão do espaço e tempo livre, associada à contrangimentos relacionados à uma diminuição de autonomia e independência de mobilidade no contexto social.

Ao considerar a criança enquanto ator social, histórico leva-me a questionar como as crianças fazem uso do espaço na instituição, quando estão na companhia dos seus pares? Como eles vêem a sua relação com a mobilidade e autonomia?

A partir das observações desenvolvidas e dos desenhos das crianças pude perceber que os espaços de suas preferências são: o campo de futebol, as árvores de amoras (amoreiras) que estão em alguns espaços no parque, mas a maior árvore está, precisamente, na parte de trás da instituição, onde há mais brinquedos, a casinha, a caixa de areia, onde o ponto de encontro que proporcionava estes momentos se fazia a todo o instante.



Imagem 18: Desenho de Sarah Boscato (5 anos). Este é o espaço preferido de Sarah. A árvore de amora.Sarah desenhou ela própria e a pesquisadora

Ressalto que o ambiente institucional é um espaço enriquecedor, contribuindo assim para uma produção e reprodução infantil. Contudo, compreende-se que os olhares, a oralidade e os desenhos são reveladores no seu contexto social, histórico e cultural, pois segundo as palavras de Pinto e Sarmento, 1997 in Gobbi¹³, 2005 p.73 “trata-se de conhecer as realidades sociais a partir de seus próprios olhares, na tentativa de ampliarmos nossos conhecimentos sobre as crianças a partir de si mesmas”.



Imagem 18: Desenho de Maria Luisa (5 anos). Este é o espaço preferido de Maria Luiza. A árvore de amora, situada no parque, na parte do lado da instituição.

¹³ Mestre e doutora da faculdade de educação da Unicamp (membro do Subgrupo de educação Infantil do GEPEDISC), professora de educação infantil da prefeitura Municipal de São Paulo e professora do curso de pedagogia (Sociologia da educação e fundamentos da educação infantil) em faculdades da rede privada de São Paulo.

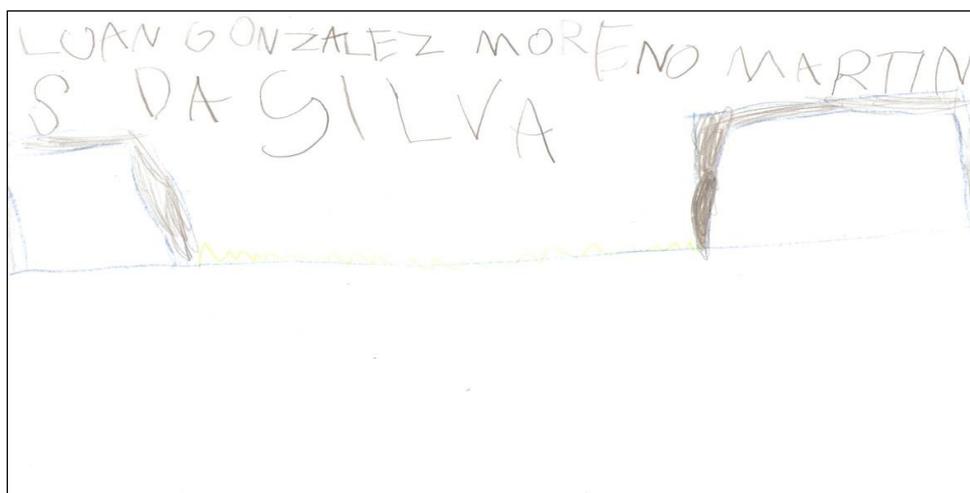


Imagem19: Desenho de Luan (5 anos). "O Campo de futebol... Este espaço é o preferido de Luan".

A capacidade da criança de sentir confiança em si mesma e o fato de ter segurança no ambiente faz com que se sinta aconchegada ao espaço, o que favorece a construção de sua identidade e seu sentido de pertença. "Os olhares, gestos, expressões, falas, representações são manifestações típicas das diferentes culturas que, quando manifestadas, são comunicadas e compreendidas por intermédio de códigos e/ou signos" (Sayão, 2002 p.4). Incentivar a criança a movimentar-se autonomamente no espaço, deixar explorar o ambiente com o corpo, como: correr, saltar, escalar, carregar, pendurar e arremessar, colocar obstáculos para que a criança aprenda a ultrapassá-los, e proporcionar brincadeiras e atividades de integração favorece o equilíbrio, segurança e movimento que ajudarão na orientação de sua mobilidade.



Imagem 20 : As crianças do GVI no espaço da instituição, o parque. Capturada por Marilene Elza das Chagas (outubro, 2011).

Para que uma criança tenha um bom desenvolvimento nas suas capacidades de ações, ela precisa de ter um ambiente favorável que possibilite desenvolver e estimular a criança através do meio em que vive. É preciso que as crianças circulem, interajam com crianças da mesma idade ou idades diferentes em situações diversas com independência no espaço, com a liberdade de ir e vir para que se possa adquirir mobilidade de autonomia.

Ainda de acordo com Neto (1999, p. 9):

Esta capacidade de autonomia de mobilidade face ao envolvimento físico, permitirá o desenvolvimento das representações cognitivas do espaço físico, o desenvolvimento da liberdade e autonomia em jogo, a descoberta do envolvimento e o seu funcionamento, a descoberta das relações com o mundo adulto, o sentido de descoberta e a resolução de problemas, o desenvolvimento de hábitos saudáveis na vida ativa e a prática do jogo e atividade físicas essenciais para o equilíbrio emocional e psicológico.

Sendo assim, os movimentos, além de incluírem ações motoras, expressões corporais, também envolvem a dimensão social, como o direito de ir e vir. A ocupação do espaço dá-se através da mobilidade. A mobilidade nos diferentes espaços proporcionará à criança a capacidade de mover-se, estímulo de memória e permite também ter uma rede de relações sociais. A expressão corporal tem um significado existencial. Para Madeira (1979, p. 26 in Malho 2003, p. 49) “Corpo é um complexo substrato de sensação, percepção e movimento”. O movimento expressivo corporal leva o sujeito a uma melhor participação, percepção ao envolvimento social.



Imagem 21: As crianças ao ponto de encontro na subida da árvore no espaço da instituição. Capturada por Marilene Elza das chagas (outubro, 2011).

Portanto, no sentido da palavra, a mobilidade é compreendida como forma de deslocação de um espaço para outro, onde o uso do tempo e espaço, isto é, “lugares” se dá por meio de interações com o outro, trocas, experiências, satisfação de participar em ações coletivas.

As possibilidades de mobilidade e as condições de espaços são muito importantes para o processo de desenvolvimento da criança, pois dentro da representação do espaço ela pensa, imagina, vê e age sobre ele.

V- A CRIANÇA NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

A criança é um ser sociocultural, histórico, que vem sendo estudado em várias áreas do conhecimento. Contudo, também é um ser que está e atua no mundo. E ela está aí para explorar, descobrir, resistir, reproduzir, reinventar, o mundo que o rodeia, pois só assim, ela ganhará segurança, independência, mobilidade e autonomia em suas ações. “A infância, enquanto categoria social geracional sofre essas mudanças conseqüências de um modo particular” (Sarmiento, 2004).

Partindo do pressuposto que a criança é um ator social, com contextos de vida particular, com certa dependência do adulto perante a outras gerações, a infância vem se alterando com as mudanças causadas pela sociedade. O crescimento populacional e a grande quantidade de tráfegos de automóveis, a falta de segurança, a violência e as dificuldades de acessibilidade aos espaços nas ruas, nas cidades, bairros tem vindo a impor uma série de obrigações e o correr riscos, têm vindo a transformar os estilos de vida das crianças.

Tonucci, (2005, p.203) enfatiza “alguns elementos do tecido urbano possuem efeitos negativos sobre a mobilidade das crianças mais do que os outros. As travessias das ruas são elementos cruciais na rede dos percursos dos pedestres [...]”.

Estes efeitos distintos que causam a diminuição de possibilidades de ações das crianças na vida social devem-se também ao estilo de vida estabelecido pelos adultos, decorrente de toda aceleração que configura os tempos atuais.

Tonucci (2005) diz ainda, que a diminuição da autonomia da criança não se relaciona somente com a possibilidade de realizar amplos deslocamentos no tecido urbano.

Embora a criança venha sendo estudada e compreendida como um grupo geracional, dinâmico, cidadão de pleno direito, o controle sobre ela ainda não deixou de existir. As oportunidades que lhes são propiciadas ainda são muito dependentes do adulto. Contudo, o adulto, sobretudo os profissionais que atuam com a infância, deverão proporcionar à criança ter livre escolha, procurar ouvir a voz da criança, propiciando uma participação na tomada de decisões que diz respeito ao seu bem-estar pessoal e social. É preciso que as crianças possam expressar-se, mas também é preciso que o adulto saiba ouvir, que procure compreender, dar valor às palavras.

Sarmiento, Tomás, Fernandes (2007, p.14) enfatizam que “Considerando-as como atores sociais com competências para desenvolver ações sociais dotadas de sentido, nas distintas interações que vão estabelecendo com os outros indivíduos, sejam eles adultos ou crianças”.

Sendo assim, procurar ouvir a voz da criança é fazer com que valorize a sua participação num processo de aprendizagem considerando o seu ponto de vista na construção da sua autonomia. O facto das crianças se sentirem ouvidas, aceites pelo adulto e pelos pares, possibilita-lhes segurança e capacidade de terem confiança nelas mesmas, pois assim sentem-se seguras na formação pessoal e social.

O conceito de autonomia deverá ser compreendido como processo de crescimento, descoberta, e liberdade de expressão. Definida como capacidade de se conduzir e tomar decisões próprias, a autonomia para a criança é um ato a ser realizado, nas pequenas coisas da vida. Proporcionar à criança atividades nos atos quotidianos, conduzindo por si mesma as suas ações, está-se a propiciar o desenvolvimento da responsabilidade e autonomia.

A conquista da autonomia dá-se a partir da necessidade da descoberta, proporcionando situações de vivências ricas e que potencializam a ação das crianças. Pois é através das condições necessárias que a criança cria possibilidades

para as suas ações dentro do contexto social, produzindo e construindo num espaço organizado:

Esta percepção das possibilidades de ação não se confina apenas ao fato de a criança poder ir para a escola sozinha, mas também a um nível de independência mais vasto: poder brincar fora de casa, visitar amigos, ir aos clubes, ir às compras. (Neto, 1999, p.13)

O processo de independência dá-se nas possibilidades de ações diversas, pois para que se tenha resposta é preciso um desenvolvimento em condições necessárias para a autonomia.

Falar de autonomia é algo mais do que a “capacidade de se auto-governar”; Pois, para além de governar a si próprio, estabelecer suas próprias regras, o sujeito precisa do outro, do agir compartilhado, principalmente porque há pessoas que detêm responsabilidades sobre elas. “A infância depende da categoria geracional constituída pelos adultos para a provisão de bens indispensáveis à sobrevivência dos seus membros, e essa dependência tem efeitos na relação assimétrica relativamente ao poder”... (Sarmiento, 2000, p.7). Historicamente, a autoridade que o adulto exerce sobre a criança é uma forma de continuidade de transmissão de conhecimentos entre gerações. Este poder, que sempre existiu, está associado à saúde, nutrição, cuidados, vida familiar, à proteção, ao acolhimento, à segurança, educação, etc. Este aspecto é indiscutível. Para além do mais, estes são direitos sociais que lhes foram consagrados para o bem-estar da criança. “O poder do controlo do adulto sobre as crianças está reconhecido e legitimado [...]” (ibidem). A relação entre o adulto e a criança dar-se-ia pela experiência, pelo domínio que os adultos têm dos valores, saberes e fazeres, pela responsabilidade em transmitir às novas gerações.

Contudo, Soares refere na sua obra “Os Direitos das Crianças nas encruzilhadas da Proteção e da Participação” (2002, p.5):

Que o discurso dos direitos de provisão e proteção é indiscutivelmente o discurso mais consensual, na medida em que ao priorizar a satisfação de

necessidades de bem-estar e proteção das crianças, necessidades essenciais e indiscutível, são reconhecidos e reforçados legalmente, com quadros normativos e iniciativas mais ou menos eficazes. São os designados direitos legais da criança.

Considerando a preocupação do adulto no sentido de proteger a criança, é compreensível que este tenha a necessidade de preservar os direitos da criança, pois é claro que os perigos estão à solta na nossa sociedade. Mas também é preciso compreender que as nossas crianças não têm só necessidade de proteção. Elas são sujeitos com vontades próprias, prazer, desejos e ações. Vontades estas que, além de físicas, são também sociais e políticas.

Soares (2002, p. 2) a partir Smith (1997), fala da distinção entre direitos sociais e direitos políticos:

Os direitos sociais relacionam-se com a necessidade de bem-estar e proteção das crianças, nomeadamente referentes à educação, saúde, proteção e exigem ao seu possuidor somente que estes interesses que possam ser preservados, protegidos e promovidos. Já os direitos políticos, por seu turno, relacionam-se com a possibilidade de as crianças participarem na tomada de decisão acerca dos assuntos que são do seu interesse.

Contudo, reconhecer que as crianças são sujeitos plenos de direitos, tanto sociais e políticos, estar-se-á a possibilitar-lhes a valorização enquanto grupo social, na participação da construção dos seus mundos sociais e culturais. Portanto, se o adulto fizer ouvir a voz da criança nos assuntos que lhe dizem respeito, baseado na igualdade, bem como na liberdade de expressão, respeitando a individualidade de cada uma delas, e proporcionando situações de participação nas tomadas de decisões, considerando-as assim, seres ativos de direitos, capazes de observar, de escolher, de decidir, de optar, de intervir, de avaliar, etc, estará contribuindo para uma percepção de infância. Para tanto, é necessário deixar de lado o pensamento de que criança não tem voz, que é frágil, imaturo, irresponsável, de impor deveres na consequência das decisões dos adultos, de considerá-la um ser passivo, incapaz de decidir, em vez de aceitá-la como sujeito ativo no processo de socialização.

Neste sentido, Freire (2011, p.105) questiona o porquê dos pais não desafiarem os seus filhos, ainda crianças, no sentido de participarem na escolha da melhor hora para fazerem os seus deveres escolares? Para o autor, isto ajudará e proporcionará situações de participação com condições básicas no que lhe diz respeito. O autor, ainda questiona, “porque o melhor tempo para esta tarefa é sempre dos pais/responsáveis”? E Porque não é a criança que escolhe a melhor hora para fazer as suas tarefas de escola? Sendo assim, o melhor seria se o adulto respeitasse a criança como ser direito e dar-lhe liberdade de ação para as suas escolhas, sobretudo com a participação do adulto. Segundo Freire, “é indispensável a participação dos pais/responsáveis (adulto) nas tomadas de decisões dos seus filhos”, pois este ato, mostrará ao sujeito que uma decisão a ser tomada é um processo responsável e acarreta consequências na ação de decidir. Embora seja difícil para o adulto deixar a criança decidir o que é melhor para ela, ele próprio também estará depositando, de alguma forma, a confiança de pensar e agir. Assim sendo, estará também contribuindo para a construção de uma autonomia necessária) .

De acordo com Freire (2011, p.105): “A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”.

A autonomia é um processo que se conquista a cada dia. É um processo que consiste num amadurecimento de si próprio. É por isso, que o adulto deverá proporcionar uma relação com a criança de interação, valorizar e evidenciar saberes da própria, e possibilitar ao sujeito experiências que estimulem as condições e responsabilidade para as suas ações.

De acordo com as DCNS¹⁴ as instituições deverão basear as suas propostas pedagógicas em princípios do Art. 6:

- I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito comum, ao meio ambiente e às diferenças culturais, identidades e singularidades.
- II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

¹⁴ *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

É através do meio em que o sujeito vive que se deve proporcionar, dentro dos contextos de vida, condições adequadas para que estes se façam autônomos.

Freire (2011) na sua obra “Pedagogia da Autonomia”, enfatiza que a autonomia baseia-se na ética, no respeito, na responsabilidade, na dignidade do sujeito sócio-histórico. Uma postura ativa, criativa, crítica e espontânea na qual se constrói a autonomia.

Freire (2011) afirma que quem trabalha com crianças, deve estar “Atento a difícil passagem ou a caminhada da heteronomia para a autonomia” (p. 68), pois a presença do outro pode favorecer possibilidades de estímulos no expressar-se, crescer, buscar os desafios e resistir aos obstáculos, nas tomadas de decisões, opções, escolhas, de libertação na sua condição socio-histórica, inseridos no mundo. Mas também pode vir a trabalhar o seu processo de desenvolvimento para a liberdade. Para Freire, a autonomia está relacionada com a libertação. Já a heteronomia é a condição do indivíduo ou grupo social que se encontra a servir do outro, a opressão é a situação em que se é “ser para outro”.

A autonomia constrói-se no respeito para com o outro. Uma conquista que se dá através da responsabilidade de suas próprias ações. Para que o Ser crie sua autonomia é preciso que o outro dê condições para que o processo ocorra.

Barbosa¹⁵ (2008, p. 458) fala que não há uma autonomia sem heteronomia, independência sem dependência, isto é, o sujeito precisa se autogovernar, gozar o processo de independência para agir, com condições de tomar decisões, participando das ações concretas, respeitando as regras e os valores do grupo. Então, entende-se por autonomia a capacidade de autogovernar-se na dependência

¹⁵ Manuel Gonçalves Barbosa, doutor em Educação, pela Universidade do Minho, é docente de Educação/Ciências da Educação, na Universidade do Minho, PT. Publicou os seguintes títulos, entre outros: *Antropologia complexa do processo educativo* (1997), *Antropologia e pedagogia em Freud* (2000), *Educação e cidadania. Renovação da pedagogia* (2006), *Educação, cidadania e sociedade civil* (2008).

do que o outro pode fornecer. Não se adquire autonomia de um dia para o outro. A autonomia é um processo que se dá na construção da sua identidade, dentro do contexto social. É preciso que o outro proporcione à criança a realização de suas próprias ações, levando em conta a sua particularidade, os seus limites e as suas características relativamente ao ambiente.

As possibilidades de autonomia nas ações da criança têm vindo a diminuir por conta do estilo de vida dos adultos. Podemos observar esse processo, por exemplo, quando recorremos aos dados relativos ao modo como as crianças se deslocam à instituição de educação infantil, onde vemos a predominância de deslocamento por carro:

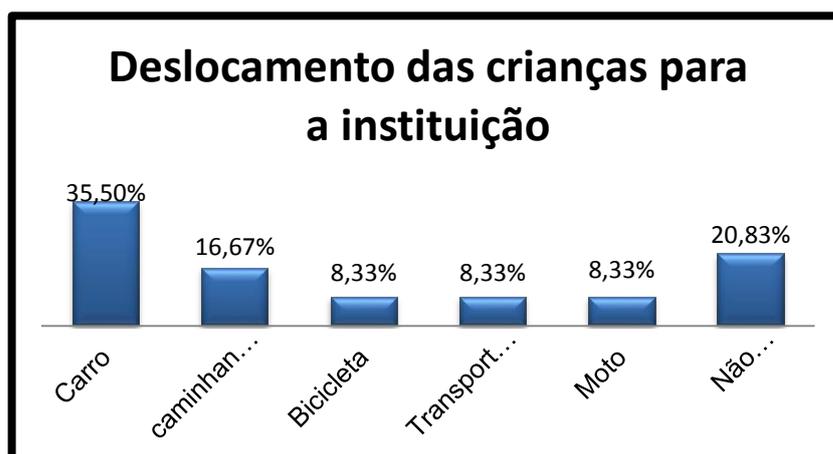


Gráfico 2: Deslocamento das crianças para a instituição

Fonte: Dados obtidos pelos familiares das crianças da instituição (inquéritos).

O gráfico acima mostra que o deslocamento para a instituição caminhando ou de bicicleta é cada vez menos comum. A atividade física no deslocamento para a instituição tem sido amplamente substituída pelo uso de carros. A pesquisa revela que 35,50% dos pais levam as crianças à instituição de carro. Isto ocorre segundo os pais, por algumas razões. Por estas crianças serem muito pequenas, embora a distância seja curta e tenham irmãos mais velhos que possam fazer este trajeto. Também, devido a problemas relacionados com tráfego, falta de segurança na rua, nas diversas formas do ir e vir na periculosidade no bairro e ausência de tempo.

Devido ao crescimento populacional nesta região, o número de veículos também aumentou, o perigo de andar na rua também tem vindo a crescer.

Embora tenha nascido e crescido numa época menos populosa, tive a oportunidade de ir e vir para escola sozinha e com outras crianças, explorei muitos terrenos baldios, campos, trilhas, estradas e praia, possibilitando vivenciar inúmeras brincadeiras e aventuras. Tinha certa liberdade para estar na rua e brincar sem perigo. Não havia tecnologia ao meu alcance. As tecnologias foram desenvolvidas para facilitar a vida de algumas pessoas, dificultando a mobilidade de outras. O brincar na rua, o caminhar, a liberdade de se movimentar estão sendo substituídas, aos poucos, pela televisão, computadores, etc. Com as mudanças sociais do contexto de vida das crianças, a mobilidade, a diversidade, a densidade urbana tem vindo a ter uma tendência relevante no estilo de vida das mesmas. Para Carlos Neto (2000 p.1):

As características das sociedades pós-indústriais (hábitos sedentários, stress emocional, maus hábitos de vida do ponto de vista corporal e inactividade física) e o nascimento de uma sociedade de informação que se reveste de uma padronização excessiva de valores, atitudes e comportamentos, implica a tomada de consciência das mudanças ocorridas na estrutura familiar, escolar e social.

Nessa perspectiva a socialização, a interação, o brincar, a aventura têm vindo a alterar as rotinas de vida das crianças relacionada com espaço e o tempo livre, ocorrendo uma diminuição de autonomia e independência de mobilidade no contexto social.

A diminuição da mobilidade e autonomia das crianças compromete a vivência de experiências próprias da idade, por exemplo, o jogar/brincar e demais atividades ao ar livre e que envolvam a dimensão do corpo.

Segundo Rodrigues (2005, p.18):

[...] a capacidade de autonomia de mobilidade face ao envolvimento físico, permitirá o desenvolvimento das representações cognitivas do

espaço físico. O desenvolvimento da liberdade e autonomia em jogo, descoberta do envolvimento e o seu funcionamento, a descoberta das relações com o mundo adulto [...].

Desde muito cedo a criança precisa de experiências para que possa desenvolver as suas capacidades biopsicossociais. Experiências estas, vivenciadas através das percepções, interações e representações do que as rodeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do referencial teórico-metodológico desta pesquisa deu-se, sobretudo, a partir dos estudos desenvolvidos no campo da Sociologia da Infância, juntamente com as contribuições da Antropologia, da Pedagogia e da Geografia da Infância.

Os estudiosos da Sociologia da Infância têm vindo a contribuir especificamente no que se refere às possibilidades metodológicas para que as crianças possam ter voz nas interpretações dos seus mundos sociais e culturais. Soares (2006 p.25) salienta como “é importante considerar a participação das crianças como princípio fundamental no desenvolvimento da investigação”.

Classifico esta pesquisa como exploratória descritiva, com metodologias qualitativas, designadamente a observação participante com entrevistas e procedimentos visuais, como o desenho e a fotografia.

A observação participante visa aproximarmo-nos das crianças, estabelecendo com elas uma relação afetiva e de interação, na qual há a inserção no meio investigado. Diante disto, é possível captar uma série de situações que possam desvendar-se em dados relevantes para a compreensão da problemática estudada. No caso deste estudo, interessou compreender o olhar das crianças acerca da sua mobilidade no espaço social que ocupam e, nesse sentido, como diz Malaguzzi (1999, p.99) “as coisas de crianças aprendem-se ficando com as crianças”.

De acordo com Herom (1996 apud Soares 2006, p.29),

A investigação é um processo de participação social, no qual é fundamental considerar um equilíbrio mutuamente possível, de autonomia, cooperação e hierarquia com e entre as pessoas, sendo a tomada de decisão partilhada entre todos os parceiros do processo de investigação.

Sendo assim, a investigação é um processo que permite uma construção de conhecimentos, com a produção do saber na transformação do mundo social e nos direitos sociais, tendo em conta o sujeito-criança-cidadã.

Esta pesquisa permitiu estudar cientificamente os problemas identificados pelo pesquisador e por meio da interação com os sujeitos envolvidos na situação investigada, procurou-se analisar os factos que determinam um grau de participação e domínio das próprias crianças, onde o convívio é a maneira que permite compreender a sua alienação ou autonomia.

Ao tecer a síntese da investigação desenvolvida nesta dissertação, verifico que as crianças que participaram neste estudo apresentaram uma mobilidade e autonomia na infância reduzida, no que tange o espaço público da rua. Pode-se considerar que as mudanças sociais significativas, devido ao crescimento populacional nas comunidades de Florianópolis e principalmente nos pequenos bairros, vêm afetando o estilo de vida das famílias e contribuem para a diminuição da mobilidade e autonomia das crianças.

Nesta pesquisa verificou-se que, no contexto itinerário casa/instituição, as possibilidades de ação das crianças vem sendo diminuída em consequência do estilo de vida dos adultos.

Com a transformação ocorrida no mundo moderno, pais, família e responsáveis temem pela liberdade de seus filhos. O aumento de tráfego de automóveis, o nível da insegurança em relação aos assaltos ou molestações são alguns fatores referenciados pelos pais, pela diminuição da mobilidade dos seus filhos.

As crianças de hoje estão centradas na preocupação dos adultos que passam por decidir e gerir seu tempo e espaço no que se relaciona ao tempo do adulto. Não discordamos que é responsabilidade dos adultos prover e proteger as crianças, mas como assegurar esses direitos sem tolher-lhes o direito à participação?

Referente aos percursos realizados e acompanhados, identificamos que as crianças eram acompanhadas por algum adulto, fossem eles mães, pais, outro parente ou amigos. Algumas famílias têm a compreensão da importância para a criança da autonomia e mobilidade face ao envolvimento físico, permitindo assim a liberdade de movimento, descoberta, das relações com o outro. Esta percepção das possibilidades de ação da criança no espaço físico dá-se nas experiências individuais, com o adulto ou com pares.

Outra possibilidade de independência de mobilidade e autonomia da criança é poder brincar na rua. O processo de liberdade dá-se a partir da necessidade de explorar o espaço exterior, das possibilidades de ação. Brincar na rua é, em muitas cidades do mundo contemporâneo, uma espécie em vias de extinção (Neto, s/d, p.1). Considerando as ideias do autor citado, o espaço exterior possibilita o convívio, a socialização, o experimentar, o aprender, o desafiar, isto é, ter possibilidades de viver experiências diferenciadas, mesmo em contatos urbanos.

Ainda concordamos com Neto (s/d, p.2) quando diz que: “a rua não é só um espaço onde circulam carros e gente apressada, mas sim um espaço de encontro, descoberta e desordem”.

Contudo, com o mundo cada vez mais inseguro, os brinquedos, os jogos de rua, as cirandas, entre outras brincadeiras deram lugar aos telemóveis, aos *vídeos games*, à televisão, aos computadores. Não entraremos no âmbito da discussão dos efeitos de tais produtos nas experiências das crianças, mas não há dúvidas de que no campo da mobilidade, esse novo contexto alterou significativamente os seus repertórios.

A investigação centrada na relação da mobilidade e autonomia efetivou-se através do conhecimento de como a criança considera os lugares por onde passa, convive e brinca. Analisando as ações diárias das crianças, as percentagens encontradas no período oposto ao que está na instituição, identificaram que 45,83% das crianças ficam em casa. Quanto ao deslocamento para a instituição é mais elevado o índice de crianças que vai de automóvel, ou seja, as possibilidades de interação com outros sujeitos e com o entorno social é reduzido, para a maioria das crianças do grupo.

Dar a voz às crianças é considerá-las cidadãs de seus próprios direitos, pois é fundamental conhecê-las a partir do seu ponto de vista individual, contextualizadas nas contradições e complexidades que conformam as infâncias contemporâneas. Elas são seres ativos, que estão a construir suas próprias vidas sociais no meio social em que vivem.

Neto (1999, p.14) ressalta que:

Os posicionamentos do adulto e das instituições educativas vocacionadas para a delimitação de uma estimulação organizada tendem a ordenar os comportamentos, os valores e as atitudes das crianças como se elas necessitassem de ser moldadas exclusivamente aos “sistemas” porque incapazes de tomar decisões justas e ajustadas.

Este estudo possibilitou-me ainda compreender o quanto é importante a liberdade no espaço externo, a relevância do contacto das crianças com a natureza, tendo em vista a sua curiosidade e a sensibilidade na relação com esses elementos. Além disso, via a oportunidade que elas tinham de viver experiências como cheirar, mexer e sentir as várias sensações por meio dos elementos da natureza.

Efetivamente o espaço proporciona a vivência de experiências que não são possíveis em um ambiente fechado. Os espaços abertos suscitam na criança a vontade imediata de correr, de se movimentar livremente pelo espaço amplo, de experimentar diversas formas de ação social pelo corpo.

Por fim, reitero a conceção de infância como constituída dentro de uma sociedade com características próprias, como categoria social autónoma. A sociologia da Infância considera as crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída (Sarmiento, 2010, p. 7). Perseguir essa conceção nas investigações e relações sociais com as crianças é um ponto importante para a revelação dos seus diferentes contextos de vida, no sentido de consolidar a área dos estudos sociais da infância e contribuir com os mundos sociais das crianças.

REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

_____. *A Investigação Participativa No Grupo Social da Infância. Currículo sem Fronteiras*, v.6,n1. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho – Braga. Portugal, jan/jun 2006, pp.25-40,

ABRAMOWICZ, Anete. *O direito das crianças à educação Infantil*. In: **Prosições**. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003.

Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. *Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e ação Atelier: Modernidade, Incertezas e Riscos*.

Agostinho, Kátia A. *O Espaço da Creche: Que lugar é este?* Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. (Ver esta bibliografia na pág.29) Batista p.101

Almeida, A. N. D. (2009), *Para uma Sociologia da Infância: Jogos e olhares, pistas para a investigação*. Lisboa, ICS. Imprensa de Ciências Sociais.

Amora, Ana Maria Gadelha Albano. *O lugar público no Campeche*. Dissertação (Mestrado em Geociência). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, (1996. p.161).

Basei, Andréia Paula. *O movimentar-se humano na educação Infantil: Contribuição da Educação Física para o desenvolvimento da criança*. SC/Brasil. Ano:13 – Nº 125 – Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital – Buenos Aires outubro de 2008.

Barbosa, Manuel Gonçalves, *Do sonho ao pesadelo: a pedagogia da autonomia sob suspeita*. Estudo RBEP- Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Vol.89 No 223 (2008, p.457-458)

Brasil, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Seção 1- Brasília, 18 de dezembro de 2009, p. 18.

Brasileira, Acta Botânica. *Etnobotânica e urbanização: Conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche* - Florianópolis, SC – Brasil, 2011. 25(1): 168-177.

Campeche, Fala. Uma publicação dos moradores do bairro Campeche – Jornal informativo comunitário Ilha de Santa Catarina. *O que quer a meninada do Campeche?* nº19 – Florianópolis, 2006 p.5-9.

Campeche, Núcleo de Educação Infantil. *Projeto Político Pedagógico*. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis/ Secretaria Municipal de Educação, Florianópolis, 2011.

Campeche, Praia do. *Conheça a mobilização da comunidade contra a venda do antigo “campo de aviação”*. In: www.portalsuldailha.com.br. Acesso em: outubro de 2011.

Cardoso, B.B; Daroda, R.F. “Cidade da Infância”: Lugar e Cotidiano na Contemporaneidade. *In: XIV Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro, 2011.*

CORSARO, William A. *Reprodução interpretativa e cultural de pares em crianças*. Indiana University, Bloomington. Tradução: Ana Carvalho. Disponível em: www.cedes.unicamp.br/texto.pdf. Acesso em: Junho, 2012.

Correia, Maysa Silva Araujo. A brincadeira na perspectiva da Sociologia da Infância: Implicações para a Educação Infantil. *VI Encontro de pesquisa em Educação em Alagoas. VI EPEAL. I Encontro da Associação Nacional de Política e Administração em educação – ANPAE / AL. ISSS: 1981-3031. Brasil. Disponível em: www.epealufal.com.br. Acesso em: Junho, 2012.*

Drago, R. *Contribuições de vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões*. Revista FACEVV, Vila Velha, nº3. Jul./Dez.2009. p.49-56.

_____. Desenvolvimento Da Motricidade e as “Culturas de Infância”. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa s/d.

Educação, Revista do Centro de. *Corpo, Movimento e Ludicidade: Uma contribuição ao processo de alfabetização*. Edição: 2000 – Vol.25 – Nº 02.

Emília, Reggio na educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999, p. 145 – 158.

_____. (2004). *Essa Criança que se desdobra...Pátio-Educação Infantil*. (Publicação quadrimestral). Artmed:Porto Alegre, Ano II. Nº6: 14-17.

Estácio, Mércia Maria de Santi. *A Rua e a Praça: Espaços para o brincar no Período Colonial*. Revista de Humanidade. V: 9. N.24, UFRN. Caicó (RN),set/out. 2008. ISSN 1518-3394.

Fernandes, Natália; Sarmiento, Manuel Jacinto; e Tomás, Catarina. *Políticas públicas e Participação Infantil, Educação, Sociedade e Cultura*, nº 25:183-206, 2007.

Florianópolis, Plano Municipal Integrado de Saneamento Básico do Município de Florianópolis/SC. Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF. Secretaria Municipal de Habilitação e saneamento – SMHSA Florianópolis/SC; Fase de Diagnóstico. *In: www.portal.pmf.sc.gov.br/arquivo*. Acesso em: outubro de 2011.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire, Paz e Terra. São Paulo, 2011.

Gandini, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. *In: Edwards, C.; Gandini, L. Forman, G. As Cem Linguagens da criança. A Abordagem de*

Garanhani, M. C. *A Educação Física na Escolarização da Pequena Infância*. Revista pensar a prática. Vol.5. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/49/2700>. Acesso em: Fevereiro de 2012.

_____ (2005). *Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância*. Educação & Sociedade. (Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças). CEDES – Brasil, Vol. 26, nº 91: 361-378.

Gobbi, M. Desenho e Oralidade. Instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. *Por Uma Cultura Da Infância*. Metodologias de pesquisa com crianças, 2ª Edição – Campinas, SP, 2005.

Ignácio, Renate Keller. **Criança Querida. O dia-a-dia das creches e jardins de infância**. Editora Antroposófica, São Paulo - Brasil, 1995.

_____ (2003) Imaginário e Culturas da Infância. Cadernos de Educação (Revista da Fac. Educação da Univ. De Pelotas, RS, Brasil) ano12, nº21:51-69.

_____ *Infância, Educação Física e Educação Infantil*. Disponível em: www.ced.ufsc.com. Trabalho realizado junto à Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, Junho, 2012.

Kramer, Sonia. *O papel social da educação infantil*. In: Revista7-pdf. www.dc.gov.br. Acesso em: novembro de 2011, p.2.

Lev. Vygotsky (1991). O Brincar em Família e o desenvolvimento o Ensino e Aprendizagem nas Crianças, *In Artigo-Portal Educação*.www.portaleducação.com

Magnani, José Guilherme C. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

Malho, M.J. A criança e a cidade. “*Independência de mobilidade e representações sobre o espaço urbano*”, in Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. Modernidade, Incertezas e Riscos. Lisboa, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria de souza (ORG), Deslandes, Ferreira, Neto, Otávio Cruz, Gomes, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

_____ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros básicos de infra-estrutura para as instituições de educação infantil*. 1. Educação Infantil. 2. Infra-estrutura escolar. I. Título. Pesquisa realizada em www.portal.mec.gov.br. Brasília: MEC, SEB, 2006. 45p.

Müllher, Fernanda. *Infâncias nas vozes das Crianças: Culturas Infantis, Trabalho e Resistência*. Educ. e Soc. Vol.27 nº.95 Campinas, 2006

Neto, Carlos. *A Criança e o Jogo: Perspectiva de Investigação*. Faculdade de Motricidade Humana-Universidade Técnica de Lisboa, 2000.

Neto, Carlos. *Jogo na Criança & desenvolvimento Psicomotor*. Faculdade de Motricidade Humana-Universidade Técnica de Lisboa, 1999.

Neto, C. O Jogo e tempo Livre nas Rotinas de Vida Quotidiana de Crianças e jovens. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

Neto, Carlos & Malho, Maria João. **Espaço Urbano e a independência de mobilidade na Infância**. Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, 1999.

Rodrigues, David (org.). “Corporeidade e exclusão social”. In: *O corpo que (Des)conhecemos*. Lisboa: Edições FMH, 2005.

Rodrigues, L.M. *A criança e o Brincar*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Decanato de pesquisa e Pós-Graduação – DPPG. Mesquita, 2009 Brasil.

Sacardua, Valéria Mota. Crianças e Meio Ambiente: A Importância da Educação Ambiental a Educação Infantil. **Revista FACEVV/Vila Velha/ Número 3/ Julho./Dez.2009/p.57-64**. Pesquisa realizada na internet em 2012.

Scardua, Valéria Mota. Crianças e Meio Ambiente: *A importância da Educação Ambiental na Educação Infantil*. Revista FACEVV – Nº:3, Vila Velha, jul/Dez.2009, p.57-64

Santos, M.A.M. *O encontro entre crianças e seus pares na escola: entre visibilidades e possibilidades*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Brasil Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, 2009.

Saparolli, Eliana. *Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. PUC/SP, 1997.

Sarmiento, M.J. *As Culturas Da Infância Nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade*. Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, Braga, 2002

Sarmiento, Manuel Jacinto. *Nota sobre a criança e cidade*. Braga, 2009.

Sarmiento, Manuel Jacinto; *Sociologia da Infância: correntes e Confluências*. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, 2010.

Sayão, Deborah Thomé. Corpo e Movimento: Notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física. In: *Revista do CBCE*, v. 23, n. 2, 2002.

Sayão, Deborah Thomé. *A Construção de Identidades e papéis de Gênero na Infância: Articulando Temas para pensar o Trabalho da Educação Física na Educação Infantil*. V. 5 (2002). Disponível em: www.revistas.ufg.br

Silva, Aline.F.F & Santos, Ellen.C.M. *A importância do brincar na Educação Infantil*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação – DPPG. Curso de Especialização, Mesquita, 2009. Disponível online in www.ufrrj.br/graduacao/.

Soares, N.F. “Os Direitos das Crianças nas encruzilhadas da Protecção e da Participação”, in *1ª Encontro sobre maus tratos, negligência e riscos, na infância e na adolescência*, Maia Nov/2002, ASAS.

Soares, N. F. *Infância e Direitos: Notas para a construção da imagem da criança como sujeitos de direitos*. Instituto de Estudos da Criança – DCEC. Área disciplinar de Sociologia da Infância (em publicação).

Stoltz, T. Teatro na escola: Considerações a partir de Vygotsky. Dossiê: Cognição, Afetividade e Educação. “*Desafios do Trabalho Cotidiano: A Educação das Crianças de 0 a 10 anos*. Educar em Revista-Educ.rev.nº36 Curitiba-Brasil, 2010.

Tiriba, Lea. *Criança, Natureza e Educação Infantil*. Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ n.07. PUC-Rio. 2010 p.7) Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em: Junho de 2012.

Tonucci, Francesco. *Quando as crianças dizem: agora chega!* tradução Alba Olmi. – Porto Alegre: Artmed, 2005.

Wiggers, V. *A Educação Infantil no Projeto Educacional – Pedagógico Municipal*. Erechim: São Paulo, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



Florianópolis, 09 de Setembro de 2011

Vimos por este meio declarar que a mestranda Marilene Elza das Chagas, teve seu projeto de pesquisa de mestrado em Sociologia da Infância, intitulado: "Mobilidade e autonomia na infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças nos espaços-itinerário entre casa/Núcleo de Educação Infantil/casa", aprovado no Instituto de Educação da Universidade do Minho Portugal.

A partir de tal aprovação, solicitamos a autorização para desenvolver o estudo empírico no Núcleo de Educação Infantil Campeche, seguindo os procedimentos explicitados no projeto de pesquisa. O desenvolvimento em campo deste estudo terá sempre presentes as questões éticas relacionadas à confidencialidade, porque consideramos, que fazer investigação com crianças requer um olhar mais atento às suas necessidades do que às necessidades do projeto de investigação (Grane, 1998, p. 2)¹⁶.

A disponibilização do Núcleo de Educação infantil para o desenvolvimento do estudo, terá como contrapartida a garantia da máxima correção deontológica pela autora do mesmo e pela Universidade do Minho, bem como a entrega de uma cópia dos trabalhos que, com base nela, se venham a realizar e a devolutiva em *locus*, a ser organizada em comum acordo entre a pesquisadora e a instituição.

Sem mais para o momento, agradecemos a vossa disponibilidade e enviamos as nossas cordiais saudações.



Profa. Dra. Angela Maria Scalabrin Coutinho

Co-orientadora

¹⁶ Grane, M.Elizabeth, Walsh, Daniel J. (1998). *Studying children in context: theories, methods and ethics*. London: Sage Publications.

APÊNDICE 2

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, responsável legal de _____ autorizo o uso da sua imagem, para desenvolver **a pesquisa de mestrado** “Mobilidade e autonomia na infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças nos espaços-itinerário entre casa/Núcleo de Educação Infantil/casa”, desenvolvida pela mestranda em Sociologia da Infância da Universidade do Minho - Portugal, Marilene Elza das Chagas, no Núcleo de Educação Infantil Campeche, com sede no Campeche, Florianópolis.

O uso destas imagens será feito no âmbito da dissertação e/ou para formação de profissionais que atuam com a infância.

A presente autorização abrange os usos acima indicados e também a sua possível utilização em publicações de relatórios, livros, revistas especializadas.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, e assino a presente autorização.

Florianópolis, ____ de _____ de 2011.

Assinatura

*Nome do responsável legal:
Endereço:
*Bilhete de Identidade:
Telefone para contato:

*Preenchimento necessário.

APÊNDICE 3



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Caros familiares e/ou responsáveis:

Este questionário tem por objetivo levantar algumas informações necessárias para a escrita da dissertação que tem como título **“Mobilidade e Autonomia na Infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças nos espaços-itinerários entre casa/Núcleo de Educação Infantil/casa”**. As informações que forem disponibilizadas serão utilizadas de modo ético e sigiloso, pois não serão apresentados os nomes verdadeiros, mas sim nomes fictícios das crianças. Qualquer dúvida quanto às questões e o uso que faremos delas, a pesquisadora coloca-se à disposição para esclarecer pessoalmente, no NEI Campeche ou pelos telefones 33048864/ 91049484.

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Marilene Elza das Chagas

Mestranda do Instituto de Educação

na Universidade do Minho, Braga - Portugal



Prof^a. Doutora Angela Maria Scalabrin Coutinho

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina

Co-orientadora

Questionário sobre as rotinas diárias das crianças para o estudo “Mobilidade e Autonomia na Infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças nos espaços-itinerários entre casa/Núcleo de Educação Infantil/casa”

Nome da criança: _____

Naturalidade: _____

Nome do pai e/ ou responsável: _____

Naturalidade: _____

Nome da mãe e/ ou responsável: _____

Naturalidade: _____

Indique como a família é constituída:

() Tem irmãos. Quantos: _____

() Tem irmãs. Quantas: _____

() Pai e mãe moram com a criança

() Só a mãe mora com a criança

() Só o pai mora com a criança

() Algum outro parente mora com a família. Qual: _____

Nível de formação do pai/responsável:

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

Nível de formação da mãe/responsável:

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

Qual a ocupação profissional do pai/responsável?

Tempo de trabalho diário:

- até 6 horas por dia
- até 8 horas por dia
- até 10 horas por dia
- 12 ou mais horas por dia
- Outra. Qual: _____

Qual a ocupação profissional da mãe/responsável?

Tempo de trabalho diário:

até 6 horas por dia

até 8 horas por dia

até 10 horas por dia

12 ou mais horas por dia

Outra. Qual: _____

Programas de lazer da família (numerar aqueles que fazem parte da vida da família por ordem de preferência):

Atividades ao ar livre

Praia

Visita a parentes e amigos

Shopping

Cinema

Biblioteca

Teatro

Outros. Quais: _____

O que a criança faz no período oposto ao que está na instituição?

Com quem a criança reside?

Qual o endereço? Qual a distância aproximada entre a casa e o NEI?

Como a criança se desloca para o NEI?

Quem a acompanha na ida e na volta?

Quem respondeu ao questionário?

Muito obrigada pela colaboração!

ANEXOS

ANEXO 1



PREFEITURA MUNICIPAL
DE FLORIANÓPOLIS

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
GERÊNCIA DE FORMAÇÃO PERMANENTE
Rua Ferreira Lima, 82 – Centro
CEP 88015-420 – Florianópolis – SC
Telefone: (48) 21065922
formacaopermanente@gmail.com

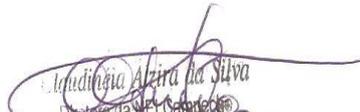


AUTORIZAÇÃO 62/2011

AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA DE MESTRADO

Eu, **CLAUDINÉIA ALZIRA DA SILVA** Diretor da Unidade Educativa **NEI CAMPECHE**, autorizo a realização da Pesquisa de Mestrado intitulada “**Mobilidade e autonomia na infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças nos espaços-itinerários entre casa/núcleo de educação infantil/casa**”, pleiteada pelo pesquisador **MARILENE ELZA DAS CHAGAS**, do programa Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Infância, da **UNIVERSIDADE DO MINHO - PORTUGAL**, no período **2º semestre de 2011**.

Assinatura e carimbo do Diretor: _____


Claudinéia Alzira da Silva
Diretora da NEI Campeche
Decreto: 4588/06

Data: 11/10/2011.

OBS: É imprescindível a devolução desta autorização, via malote, para a Gerência de Formação Permanente.

ANEXO 2



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
GERÊNCIA DE FORMAÇÃO PERMANENTE
Rua Ferreira Lima, 82 – térreo – Centro
CEP 88015-420 – Florianópolis – SC
Telefone: (48) 21065922
formacaoopermanente@amail.com



OFÍCIO GEPE 62 /2011

Florianópolis, 12/09/2011 .

ILMO DIRETOR
CLAUDINÉIA ALZIRA DA SILVA
NEI CAMPECHE

ENCAMINHAMENTO: PESQUISA DE MESTRADO

A Gerência de Formação Permanente, em consonância com a Portaria Municipal n.º 044/2011, encaminha o pesquisador **MARILENE ELZA DAS CHAGAS**, do **Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Infância**, da **UNIVERSIDADE DO MINHO - PORTUGAL**, com o objetivo de obter autorização para a realização da pesquisa de Mestrado intitulada: **“Mobilidade e autonomia na infância: um estudo sociológico a partir das experiências das crianças nos espaços-itinerários entre casa/núcleo de educação infantil/casa”** na **NEI CAMPECHE**, com previsão de desenvolvimento no período de: **2º semestre de 2011**.

Caso a Unidade Educativa seja favorável à pesquisa, informamos que os seguintes procedimentos são imprescindíveis:

1. O pesquisador deve disponibilizar, na entrevista, carta de apresentação do professor orientador e projeto de pesquisa.
2. O desenvolvimento do projeto acontecerá com **o conhecimento e a anuência** dos profissionais da respectiva Unidade Educativa.
3. Toda e qualquer intervenção realizada pelo pesquisador deverá ser previamente discutida com os profissionais da referida Unidade Educativa.
4. Os registros, documentários, fotos, ilustrações e outros, quando envolverem aluno/criança ou pessoas da comunidade educativa, deverão ser precedidos de autorização por escrito, de pessoa capaz, com a interveniência do diretor da Unidade Educativa.

5. Em caso de necessidade de obtenção de dados já sistematizados pela SME (Central) ou Unidade Educativa, o pesquisador deverá solicitar com, no mínimo, 48 (quarenta e oito) horas de antecedência.
6. Dados, informações, referências ou depoimentos sobre a Secretaria Municipal de Educação deverão ser referenciados, conforme as normas da ABNT.
7. Fica firmado o compromisso de retorno dos resultados à Unidade Educativa onde se desenvolveu a pesquisa e à Secretaria Municipal de Educação por meio de socialização dos dados em seminários, fóruns de debate, cursos de extensão, a critério do pesquisador, em acordo com a direção da Unidade Educativa ou SME (Central).

Agradecemos antecipadamente a sua parceria nesse processo de investigação, certos de que esta experiência será extremamente significativa, contribuindo com reflexões, proposições e indicadores que visem à qualidade da ação educativa da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Atenciosamente,



Deisi Cord - Articuladora de Pesquisa
Gerência de Formação Permanente
Articuladora de Formação Permanente
Matricula 11.693-9

Assinatura do Pesquisador: Marilene Elza dos Chagas